

LÚCIA VIRGÍNIA BARBOSA

**CONHECIMENTO SOBRE BEM-ESTAR ANIMAL PELA
COMUNIDADE ACADÊMICA E ACOMPANHANTES DE CÃES E
GATOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DO DEPARTAMENTO DE
MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO**

RECIFE

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA VETERINÁRIA

LÚCIA VIRGÍNIA BARBOSA

**CONHECIMENTO SOBRE BEM ESTAR ANIMAL PELA
COMUNIDADE ACADÊMICA E ACOMPANHANTES DE CÃES E
GATOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DO DEPARTAMENTO DE
MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciência Veterinária.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina de Oliveira Cardoso Coelho

Co-Orientadora: Dra. Sylvana Pontual de Alencar

RECIFE

2010

Ficha catalográfica

B238b Barbosa, Lúcia Virgínia

Conhecimento sobre bem-estar animal pela comunidade acadêmica e acompanhantes de cães e gatos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco / Lúcia Virgínia

Barbosa. -- 2010.

78 f.

Orientadora: Maria Cristina de Oliveira Cardoso Coelho.

Dissertação (Mestrado em Ciência Veterinária) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Medicina Veterinária, Recife, 2010.

Inclui referências e anexo.

1. Bem-estar animal 2. Bioética 3. Hospital Veterinário 4. Teoria dos 3 Rs

I. Coelho, Maria Cristina de Oliveira Cardoso, orientadora

II. Título.

CDD 636.089

*“A grandeza de uma nação pode ser julgada pelo modo
que seus animais são tratados”.*

Mahatma Gandhi

*“Embora ninguém possa voltar e fazer um novo começo,
qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.”*

Chico Xavier

*“A minha mãe Maria Helena Coelho Barbosa,
por ter-me ensinado que não existe vitória sem batalha
e que não existe sucesso sem amor.”*

In memórian.

*Ao meu filho Eudes Barbosa Ramos,
Apesar do pouco tempo que passamos juntos, me fez
conhecer a grandeza do amor através da maternidade.*

In memórian

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Pai Criador, pelo dom da vida, pela minha família, e pelas oportunidades oferecidas para o meu crescimento intelectual, moral e espiritual.

Ao Mestre Jesus por Seu infinito amor e aos Amigos Espirituais por sempre me socorrem nos momentos difíceis e por me darem a certeza que nunca estamos sozinhos.

Ao meu pai, José Maurício Barbosa por ter me ensinado que nunca devemos desistir dos nossos sonhos e que a sabedoria anda lado a lado com a simplicidade.

A minha madrinha, Josefa da Silva Barbosa, pelo incentivo e por ter me ensinado a nunca perder a fé Naquele que nunca podemos perder.

A minha querida vovó Didi, in memórian, que sempre me dizia, que só estudando poderia chegar onde eu queria, a saudade é grande mas a certeza de um reencontro é maior ainda.

Ao meu esposo Gilson Heleno Felix e aos meus filhos Edson Clemente Ramos Júnior e Matheus Henrique Barbosa Ramos pelo amor, paciência, compreensão, companheirismo e toda ajuda dedicada nessa minha caminhada.

Aos meus tios, tias, primos e primas por torcerem por mais essa conquista, em especial: tio Márcio e Beth, tia Lourdinha, tia Guiu e Aldízio, tia Rejane e tio Roberto, tia Rosélia, Lícia, Alexandre, Margareth, Marcella, Marcinho e Ana, Miltinho, Dayse, Dílio Júnior, Nanana, Renata, Vlademir, Amauri, Letícia, Lucas, Luan, Leonardo...Que Deus abençoe a todos.

A minha Orientadora e Amiga Maria Cristina de Oliveira Cardoso Coelho, por ter acreditado em mim, por me aceitar como sua orientada, pela amizade, carinho, sinceridade e confiança depositada... Obrigada Professora.

A minha Co Orientadora e Amiga Sylvana Pontual de Alencar, pela sua amizade, carinho, paciência e compreensão nos momentos mais difíceis que enfrentei e acima de tudo por ter-me feito acreditar que nunca é tarde para recomeçar. Obrigada por tudo.

Aos meus estagiários Milena e Henrique, e a residente Telga, por terem me incentivado a seguir em frente e por toda ajuda prestada, a vocês todo o meu carinho, amor e gratidão.

A todos os ex-estagiários, atualmente colegas de profissão, em especial Cláudia, Henrique, Bruno, Carol, Daniel, Nádja, Paulo, Angélica, Elton... pelo carinho, amizade, e reciprocidade no aprendizado.

A minha querida Amiga Dalva pelo seu jeito meigo de ser e de me acalmar ao dizer que tudo iria dar certo. Obrigada Amiga.

A minha querida Amiga e Colega de trabalho Tereza pelas palavras de incentivo, de força, pelo seu carinho e por sempre me lembrar que o Divino Mestre Jesus nunca nos deixa sozinhos. Obrigada Teca.

A todos os funcionários do DMV e da Clínica Médica do Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural de Pernambuco, em especial aos meus Amigos e Colegas de trabalho Léo e Faustinho, pela força, suas palavras encorajadoras, carinhosas e pacientes nos momentos em que o cansaço e o desânimo ameaçavam dominar.

Aos funcionários da Pós Graduação em Ciência Veterinária (PPGCV) da UFRPE Edna Cherias e Tom Meneses, pelo carinho, apoio atenção e amizade.

Aos Amigos da empresa Sol por toda atenção, e carinho que sempre demonstraram ao atender-me quando solicitados e por torcerem por mais essa vitória em minha vida.

Aos Amigos Graduandos, Residentes, e Pós Graduandos do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, pela amizade e convívio.

Aos Colegas e Amigos médicos veterinários, do Hospital Veterinário da UFRPE, que muito estimularam e torceram para que eu conseguisse mais essa conquista e por segurarem sobrecarregados o trabalho nos momentos da minha ausência. Muito Obrigada.

A todos os enfermeiros pelo carinho, atenção e respeito que sempre nos atenderam e por ter compartilhado conosco nessa trajetória tão difícil e prazerosa ao mesmo tempo.

Aos professores, pesquisadores e discentes do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que participaram espontaneamente na realização desse trabalho.

A todos os animais e seus acompanhantes, usuários do Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que muito estimularam para a escolha e realização desse trabalho, merecendo todo nosso respeito e gratidão.

RESUMO

Atualmente, as profissões que lidam com animais passam por uma transformação para atender a valorização do seu bem-estar e desta forma, é essencial que Médicos Veterinários e Zootecnistas aprendam, durante a graduação, as bases conceituais do bem-estar animal e suas principais aplicações. Objetivou-se estudar o perfil do acompanhante de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, investigando seu conhecimento sobre bem-estar animal, assim como o de professores, pesquisadores e alunos do curso de graduação em Medicina Veterinária que desenvolvam pesquisas ou aulas práticas com animais vivos nesta instituição. Para tanto, foi realizado um estudo descritivo, de natureza qualitativa e quantitativa no qual os acompanhantes dos animais, responderam a um questionário semi-estruturado, dividido em duas seções com 32 perguntas; enquanto que o questionário dos professores, pesquisadores e discentes foi dividido em três seções e apresentava um total de 26 perguntas. Quando analisado em conjunto os dados dos acompanhantes e considerando o maior percentual gerado em cada categoria, constatou-se que: a ida ao Hospital Veterinário era realizada pelo tutor, principalmente do sexo feminino, com idade entre 26 e 51 anos, casadas, residentes em casa e domiciliadas em Recife, com escolaridade classificada como ensino médio; a maioria dos animais atendidos foi da espécie canina, com idade variando entre 19 e 95 meses, machos e sem raça definida. Os tutores os levavam ao veterinário pelo menos uma vez ao ano, vacinavam, vermifugavam, alimentavam e mudavam a água uma vez ao dia, ofereciam espaço para os animais exercitarem-se, limpavam o ambiente e consideraram importante que os animais expressassem seus sentimentos. Considerando o bem-estar animal, pode-se afirmar que os tutores conhecem o sentido do termo e a finalidade de um animal de companhia, sabem que sentem dor, mas desconhecem as cirurgias mutilantes. Junto à comunidade acadêmica observou-se que conhecem o bem-estar animal, a declaração universal dos direitos dos animais e os métodos alternativos e, o que é um ser senciente; porém, os pesquisadores desconhecem a teoria dos 3Rs; os professores desconhecem as cinco liberdades e o direito de escusa e; os alunos desconhecem a comissão de ética no uso de animais, as cinco liberdades, a teoria dos 3Rs e o direito de escusa. Conclui-se que, o conhecimento conceitual sobre bem-estar animal dos tutores é precário, mas que as condutas de manejo sanitário adotadas por eles refletem atitudes satisfatórias de acordo com a recomendação sobre bem-estar animal, e que a

comunidade acadêmica necessita de maiores informações sobre o tema para que possam desenvolver as atividades de ensino e/ou pesquisa na melhoria das condições de manutenção e manipulação dos animais.

Palavras chaves: bioética, bem-estar animal, hospital veterinário, teoria dos 3Rs

ABSTRACT

Currently, professions that deal with animals are passing through a center transformation to achieve appreciation of well-being and thus it is essential that Veterinarians and Zootechnist learn during their graduation years the conceptual foundations on animal welfare and its main applications. The objective of this research was to study the profile of dogs and cats companion in the Veterinary Hospital of the Department of Veterinary Medicine in the Federal Rural University of Pernambuco, investigating their knowledge of animal welfare, as well as teachers, researchers and veterinary medicine students developing research and practical sessions with live animals in that institution. A descriptive study of qualitative and quantitative nature was performed in which the companions, answered a semi-structured questionnaire, divided into two sections with 32 questions, whereas the teachers, researchers and students questionnaire was divided into three sections and had a total of 26 questions. When the companions data was analyzed together and considering the highest percentage in each category, it was found that: the tutor is who takes the animal to the Veterinary Hospital, which are especially females, aged 26 to 51 years old, married, living in home in Recife and with high school education, most of the animals are dogs, aged between 19 and 95 months old, male and mixed breed. Tutors take them to veterinarians at least once a year, vaccinate, vermicide, feed and change the water once a day, provide space for animals to exercise, clean the environment and consider important that they express their feelings. Considering animal welfare, the tutors know the meaning of the term and the purpose of a pet, that they feel pain, but ignore mutilating surgery. In the academic community, everyone knows about animal welfare, the universal declaration of animal rights and alternative methods and what is a sentient being, but unknown: the theory of 3Rs (researchers); the five freedoms and the right to excuse (teachers), and the ethics committee on animal use, the five freedoms, the theory of 3Rs and the right to excuse (students). It is concluded that the conceptual knowledge on animal welfare of tutors is precarious, but that the health management practices adopted by them reflect a satisfactory agreement with the recommendation on animal welfare, and that

the academic community needs more information about the theme so they can develop educational activities and/or research in the improvement of maintenance and handling of animals.

Key words: animal welfare, Bioethic, veterinary hospital, theory of 3Rs

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	
1-INTRODUÇÃO	20
2-REVISÃO DA LITERATURA	21
2.1 Bem-estar animal	21
2.2 Guarda responsável	27
2.3 Bem-estar na medicina veterinária	28
2.4 Bem-estar de animais de companhia	29
2.5 Bem-estar e experimentação científica	31
2.6 Referência	33
CAPÍTULO 2	37
3- PERFIL DEMOGRÁFICO E CONHECIMENTO SOBRE BEM ESTAR DE ACOMPANHANTES DE CÃES E GATOS ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DO DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO	
Resumo	38
3.1 Introdução	39
3.2 Material e método	40
3.2.1 Área de estudo	40
3.2.2 Amostragem	40
3.2.3 Análise de dados	41
3.3 Resultados e discussão	41
3.4 Conclusão	54
3.5 Referência	54
CAPÍTULO 3	56
4- PERCEPÇÃO SOBRE BEM-ESTAR ANIMAL DOS PROFESSORES, PESQUISADORES E DISCENTES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DO DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO	
Resumo	57
4.1 Introdução	58
4.2 Material e método	61

4.2.1 Área de estudo	61
4.2.2 Amostragem	62
4.2.3 Análise de dados	63
4.3 Resultados e discussão	63
4.4 Conclusão	69
4.5 Referência	70
5- ANEXOS	72
5.1 Anexo 1 – Questionário para acompanhantes	72
5.2 Anexo 2 – Questionário para professores	75
5.3 Anexo 3 – Questionário para pesquisadores	76
5.4 Anexo 4 – Questionário para alunos	77

ÍNDICE DE TABELA

CAPÍTULO 2	37
PERFIL DEMOGRÁFICO E CONHECIMENTO SOBRE BEM-ESTAR DE ACOMPANHANTES DE CÃES E GATOS ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DO DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO.	
TABELA 1- Perfil sócio-cultural dos acompanhantes de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, 2010.	42
TABELA 2- Características dos cães atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, 2010.	45
TABELA 3- Características dos gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, 2010.	46
TABELA 4- Avaliação do conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre as necessidades físicas básicas dos animais, 2010.	47
TABELA 5- Avaliação do conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre as necessidades psicológicas, comportamentais e sociais dos animais, 2010.	48
TABELA 6- Avaliação do conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre as necessidades ambientais dos animais, 2010.	50
TABELA 7- Avaliação do conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre bem-estar animal, 2010.	51
CAPÍTULO 3	56
PERCEPÇÃO SOBRE BEM-ESTAR ANIMAL DOS PROFESSORES, PESQUISADORES E DISCENTES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DO DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA	

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO.

TABELA 1- Avaliação do conhecimento dos pesquisadores do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre bem-estar animal, 2010.	64
TABELA 2 - Avaliação do conhecimento dos professores do curso de medicina veterinária do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre bem-estar animal, 2010.	66
TABELA 3 - Avaliação do conhecimento dos discentes de graduação do Curso de Medicina Veterinária, entre o 5º e 10º período, da UFRPE, sobre bem-estar animal, 2010.	67

ÍNDICE DE FIGURAS

CAPÍTULO 1

Figura 1- Parâmetros para mensuração de bem estar animal 24

CAPÍTULO 2

PERFIL DEMOGRÁFICO E CONHECIMENTO SOBRE BEM-ESTAR DE ACOMPANHANTES DE CÃES E GATOS ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DO DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO.

Figura 2 – Perfil da acompanhante feminina de cão e/ou gato atendido no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, no período de novembro a dezembro de 2009, 2010. 26

Figura 3- Perfil do acompanhante masculino de cão e/ou gato atendido no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, no período de novembro a dezembro de 2009, 2010. 43

Figura 4- Dados referente a assistência veterinária a cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE no período de novembro a dezembro de 2009, 2010. 44

Figura 5- Avaliação do conhecimento dos acompanhantes dos cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre as necessidades físicas, no período de novembro a dezembro de 2009,2010. 48

Figura 6- Avaliação do conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário, sobre necessidades ambientais, do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, 2010. 49

Figura 7-Conhecimento dos acompanhantes sobre a necessidade psicológica, comportamental e social dos cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, 2010. 51

Figura 8-Avaliação do conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, 2010. 53

CAPÍTULO 3

56

PERCEPÇÃO SOBRE BEM ESTAR ANIMAL DOS PROFESSORES, PESQUISADORES E DISCENTES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DO DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO.

- Figura 9-** Conhecimento dos pesquisadores do Departamento de Medicina Veterinária 64 sobre bem-estar animal que desenvolvem experimentação animal com cães e/ou gatos, 2010.
- Figura 10 -** Avaliação do conhecimento dos professores sobre bem-estar animal e utilizam 66 cães e/ou gatos nas aulas práticas no Hospital Veterinário do Curso de Medicina Veterinária do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, 2010.
- Figura 11-** Avaliação do conhecimento dos discentes de graduação do curso de medicina 69 veterinária do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre bem-estar animal, 2010.

1. INTRODUÇÃO

O antropocentrismo ainda está muito presente na sociedade atual em decorrência de resíduos culturais que remontam o século IV, quando o homem era tido como ser excelso e as ações eram voltadas apenas para seu bem estar; no século XVII, a concepção do Universo e dos seres vivos como máquinas, contribuiu com a visão reducionista de que os animais não têm inteligência, que agem apenas por instinto, entre outras. Diante disso, inicia-se a busca pelo equilíbrio entre a saúde humana e animal, e do meio ambiente, portanto abandonando o antropocentrismo a procura de paradigmas biocêntrico. Os animais deixarem de ser tratados como objetos (VIEIRA, 2008).

Atualmente, admite-se que bem estar é um termo de uso comum há muito tempo presente na sociedade humana. Também onipresente na história da humanidade, é a ligação com os animais, e a idéia por parte de segmentos das sociedades, de que os animais sentem, e seu sofrimento deve ser evitado (MOLENTO, 2007). Porém o conceito oficial do Bem Estar Animal foi citado pela primeira vez em 1965, pelo comitê Brambel, na Inglaterra (MOLENTO, 2005a).

Os profissionais que trabalham com animais enfrentam hoje três desafios que emanam das preocupações com bem estar animal:

- ✓ Reconhecer que a evolução social alterou as relações entre o ser humano e os animais, freqüentemente em detrimento dos últimos, e que se deve rever esta situação;
- ✓ Manter-se informado sobre as explicações que a ciência vem propondo para determinadas respostas dos animais a alguns problemas que os mesmos enfrentam;
- ✓ Refinar as formas de se medir o grau de bem-estar dos animais, para que estas avaliações possam ser utilizadas no sentido de se aprimorar as relações entre seres humanos e animais, até que se atinja um nível considerado apropriado por uma sociedade informada e justa (BROOM e MOLENTO, 2004).

A escassez de informações sobre bem-estar de cães e gatos e, principalmente, a falta de conhecimento sobre a compreensão que os proprietários desses animais e os profissionais que lidam com eles têm a esse respeito, dificulta sobremaneira a proposição de iniciativas que minimizem a falta de bem estar ou o bem-estar reduzido vivenciado por um número elevado de animais durante toda a vida. Nesse contexto, é fundamental que se valorize cada

vez mais o conceito de senciência animal e conseqüentemente o bem-estar animal (PAIXÃO, 2008).

A Universidade é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo. Tanto é assim que vemos no interior da instituição universitária a presença de opiniões, atitudes e projetos conflitantes que exprimem divisões e contradições da sociedade (CHAUI, 2003).

Diante disso, as mudanças no ensino ganham cada vez mais espaço no mundo e uma nova percepção ética começa a surgir, fazendo com que as universidades reflitam sobre as transformações necessárias. No campo da veterinária, torna-se imprescindível que a comunidade acadêmica tenha condições de formar profissionais preocupados com a manutenção da vida, evitando, dessa forma, a insensibilidade do médico veterinário diante do animal que sofre ou vem a óbito.

O Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco é reconhecido como um centro acadêmico, de pesquisa de extensão, formador de recursos humanos tanto na graduação da Instituição como para demais discentes de diferentes regiões do Brasil; contribuindo também, com a reciclagem de profissionais em diversas áreas, assim como com os cursos de pós-graduação ao mesmo tempo, que presta um relevante serviço social no atendimento ambulatorial de cães e gatos.

Considerando a demanda atendida neste hospital e a ausência de estudos da opinião pública sobre bem estar animal, torna-se necessário investigar o conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos, docentes, discentes e pesquisadores que atuam no hospital veterinário, a fim de que se possa traçar diretrizes e estratégias capazes de minimizar o sofrimento, proporcionando bem-estar à população animal, servindo também, de referências para outras instituições de caráter semelhante.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Bem-estar animal

Os direitos dos animais são discutidos desde o tempo dos primeiros filósofos. No século VI a.C., Pitágoras já defendia o respeito aos animais, acreditando que pessoas e animais tivessem almas do mesmo tipo e juntamente com seus seguidores se opunham ao

sacrifício animal. Entretanto, a argumentação de Aristóteles baseada em uma visão hierárquica da natureza, que considerava a escala de seres vivos, preconizava que cada criatura devia servir ao que lhe é superior. Os humanos teriam o direito de usar os animais, as mulheres e os escravos, todos tidos como seres irracionais, para satisfazerem seus propósitos. A visão aristotélica, que destacou o homem como centro do mundo, veio a ter uma grande influência em todo o mundo ocidental desde então (PAIXÃO, 2001; DOVAL, 2008).

A Igreja cristã explorou a visão de Aristóteles negando a razão aos animais e deixando-os fora da sua comunidade moral. São Tomás de Aquino (1224-1274), reconhecido como o teólogo católico mais importante, foi responsável por uma separação ainda mais radical entre animais e humanos. Ele absorveu de Aristóteles a idéia de que os seres irracionais, como os escravos e os animais, existiam para servir aos interesses dos racionais. Ele também afirmava que os animais deveriam ser usados para o bem do ser humano, pois encontrava respaldo no próprio relato da criação, que já havia conferido a autoridade a uma única espécie, a humana, sobre todas as outras. A visão tomista deixava claro também que apenas a pessoa humana é que podia ser sujeito de direitos e obrigações e que não era necessário se preservar animais que não tinham utilidade (PAIXÃO, 2001).

De 1596 a 1650, René Descartes, filósofo racionalista francês, defendia a tese mecanicista da natureza animal, influenciando, até hoje, o mundo da ciência experimental. Para ele, os animais eram destituídos de qualquer dimensão espiritual, e que, embora, dotados de visão, audição e tato, seriam insensíveis à dor, incapazes de pensamento e consciência de si (MOLENTO, 2005b). Porém, no século seguinte, Jean-Jacques Rousseau contra argumentou às teses anteriores, defendendo a teoria da semelhança entre os seres humanos e os animais. Ainda que apenas os homens possuíssem intelecto e liberdade, os animais como seres que possuem sensações, também deveriam participar do direito natural, tornando os homens responsáveis pelo cumprimento de alguns deveres, como não maltratar desnecessariamente os animais (DOVAL, 2008).

Segundo Felipe (2007), apenas na primeira metade do século XIX, quando as primeiras leis foram estabelecidas na Inglaterra e nos Estados Unidos para a proteção jurídica dos animais, o reconhecimento da senciência nos animais tornou-se evidente. A passagem da defesa de direitos morais à defesa de direitos constitucionais para os animais, apelo feito por

Humphry Primatt, no final do século XVIII, continua a ser feita, nesses dois séculos mais recentes de nossa história, de forma intermitente.

Na década de 70 do século XX, surge o filósofo australiano Peter Singer, com a preocupação de prevenir o sofrimento animal, pois considera que qualquer indivíduo é capaz de experimentar sofrimento. Tomando como base sua obra *Ética Prática*, pode-se observar que, o bem-estar animal é uma filosofia contrária à crueldade com os animais, embora não lhes conceda direitos morais (DOVAL, 2008).

Um conceito claramente definido de bem-estar é necessário para utilização em medições científicas precisas, em documentos legais e em declarações e discussões públicas. Para que o bem-estar possa ser comparado em situações diversas ou avaliado em uma situação específica, deve ser medido de forma objetiva. A avaliação do bem estar deve ser realizada de forma completamente separada de considerações éticas. Uma vez terminada a avaliação, esta provê as informações necessárias para que decisões éticas possam ser tomadas sobre uma dada situação (BROOM e MOLENTO, 2004).

No Brasil, a pesquisa na área de bem-estar animal (BEA) iniciou-se na década de 1980, nas Universidades do Estado de São Paulo e Federal de Santa Catarina. Desde então, o número de pesquisadores envolvidos na área de BEA vem crescendo. No ano de 2006, ocorreu no Rio de Janeiro o I Congresso Internacional de Conceitos de BEA, promovido pela Sociedade Mundial de Proteção Animal – WSPA, isto porque, bem-estar animal vem assumindo uma grande importância nos códigos morais e nos pilares éticos de vários países e não é mais visto como algo que possa ser deixado para a livre escolha dos indivíduos. Nas últimas décadas observa-se uma redução até mesmo, na disposição de algumas sociedades em aceitar produtos de origem animal de baixo preço, à custa do seu sofrimento (MOLENTO, 2008).

Em alguns países, como os Estados Unidos, a lei já obriga os criadouros de animais domésticos a realizar exercícios físicos com cães e também dispor de bem-estar psicológico para primatas não-humanos. Porém, bem-estar animal sem conhecimento prévio torna-se impossível, por isto, estudiosos do comportamento animal, vem realizando pesquisas comportamentais e de bem estar animal, tanto em laboratório quanto no campo (SNOWDON, 1999).

Os efeitos sobre o bem-estar incluem aqueles provenientes de doença, traumatismos, fome, estimulação benéfica, interações sociais, condições de alojamento, manejo, transporte, procedimentos laboratoriais, mutilações variadas, tratamento veterinário ou alterações

genéticas através de seleção genética convencional ou por engenharia genética. Bem-estar deve ser definido de forma que permita pronta relação com outros conceitos, tais como: necessidades, liberdades, felicidade, adaptação, controle, capacidade de previsão, sentimentos, sofrimento, dor, ansiedade, medo, tédio, estresse e saúde. (BROOM e MOLENTO, 2004).

Segundo Cruz e Sousa (2005), que realizaram o monitoramento de animais, a resposta ao estresse, causado por um bem-estar pobre, começa quando o sistema nervoso central (SNC) do animal recebe uma ameaça à homeostase. Neste momento é desenvolvida uma ação que consiste na combinação de até quatro respostas ou defesas biológicas de acordo com o esquema apresentado na figura 1.



Figura 1 – Modelo de respostas biológicas do animal ao estresse.

Fonte: Cruz e Souza (2005).

Quando a intensidade do estímulo recebido é pouco acentuada, a resposta inicial é do tipo comportamental. Esta resposta pode não ser apropriada para todas as situações necessitando que o animal procure outro tipo de resposta, principalmente quando as ações comportamentais são limitadas ou até impedidas. Esta situação é muito freqüente quando os animais estão confinados. Com o aumento da intensidade e da duração do desconforto, a resposta neuroendócrina assume um papel determinante. A segunda linha de defesa é o sistema nervoso autônomo. Este afeta um diverso número de sistemas biológicos, incluindo o

sistema cardiovascular e gastrointestinal, as glândulas exócrinas e a medula adrenal. Neste caso, as respostas são relativamente rápidas como, alteração do ritmo cardíaco ou da pressão arterial (CRUZ e SOUSA, 2005).

Em 2005, Molento relatou que na avaliação do BEA, utiliza-se o conceito das “Cinco Liberdades”, que se originou de propostas iniciais contidas no relatório de Brambell (1965). As “Cinco Liberdades” fornecem um conjunto de princípios, sendo que os ideais utópicos expressos em cada liberdade representam os marcos a serem utilizados para se avaliar quão longe as práticas específicas estão de atingir os padrões do mais alto grau de bem estar. As Cinco Liberdades estão listadas a seguir.

“Todos os animais devem:

Ser livre de medo e estresse;

Ser livre de fome e sede;

Ser livre de desconforto;

Ser livre de dor e doenças;

Ser livre para expressar seu comportamento natural.”

Mensurações do comportamento têm igualmente grande valor na avaliação do bem estar (quadro1). O fato de um animal evitar ou esquivar-se fortemente de um objeto ou evento fornece informações sobre seus sentimentos e em consequência, sobre seu bem-estar. Quanto mais forte a reação de esquila ou comportamental, mais pobre será o bem-estar. Diferentes espécies adotam comportamentos anormais, tais como estereotípias, automutilação, canibalismo, e excessiva agressividade, indicando que o indivíduo em questão encontra-se em condições de baixo grau de bem-estar. Desta forma, não é lógico utilizar o conceito de bem estar como um estado absoluto ou limitar o termo à porção boa da escala. Ainda é incipiente a utilização de adjetivos para uma qualificação do bem estar em língua portuguesa e espanhola. Para se evitar uma expressão que cause choque de vocábulos na língua portuguesa, sugere-se utilizar bem-estar adequado e bem-estar pobre, ou alternativamente, alto e baixo grau de bem-estar, apesar de, “bem-estar bom” e “bem-estar ruim” constituírem expressões cientificamente válidas e utilizadas comumente na língua inglesa (BROOM e MOLENTO, 2004).

VARIÁVEIS OBSERVADAS
Demonstração de uma variedade de comportamentos normais
Grau em que comportamentos fortemente preferidos podem ser apresentados
Indicadores fisiológicos de prazer
Indicadores comportamentais de prazer
Expectativa de vida reduzida
Crescimento ou reprodução reduzida
Danos corporais
Doença
Imunossupressão
Tentativas fisiológicas de adaptação
Tentativas comportamentais de adaptação
Doenças comportamentais
Auto-narcotização
Grau de aversão comportamental
Grau de supressão de comportamento normal
Grau de prevenção de processos fisiológicos normais e de desenvolvimento anatômico

Fonte: Molento e Broom 2004, adaptada de Broom e Johnson, 1993.

Figura 2: Parâmetros para mensuração de bem-estar animal

Os tutores assim como os profissionais devem olhar o animal não como um bem rentável, mas sim como um organismo vivo, que sente, tem necessidades e que responde aos estímulos do ambiente que o cerca. Estímulos positivos, de conforto, e ou estímulos negativos, de estresse, que podem melhorar ou piorar seu bem estar (SARTORI, 2008).

Sentimentos e necessidades estão associados ao bem-estar animal, interagindo de uma forma que quando existem necessidades não satisfeitas e o bem-estar é pobre, freqüentemente haverá sentimentos ruins. Os sentimentos geralmente resultam em alteração de preferências, que fornecem informações úteis a respeito das necessidades. Outras informações sobre necessidades são obtidas pela observação de anormalidades comportamentais ou fisiológicas (BROOM e MOLENTO, 2004).

2.2 Guarda responsável

A interação do homem com os animais remonta aos primórdios da história da humanidade, tendo sido os lobos os que, inicialmente se adaptaram para conviver mais estreitamente nas comunidades humanas. Foi a partir dessa convivência que os espécimes animais foram selecionados e aprimorados em suas características, de acordo com o interesse humano, dando origem a espécie canina, diferenciada dos lobos nos aspectos naturais, mas preservando alguns de seus comportamentos, como a formação de matilhas e a sociedade hierarquicamente organizada e definida (REICHMANN et al., 2000).

Ao longo dos tempos, os gatos também passaram a compor o ambiente doméstico humano, como uma companhia apreciada por sua lealdade, independência e hábitos de higiene individual (REICHMANN et al., 2000).

A Primeira Reunião Latino Americana de Especialistas em Posse Responsável de Animais de Companhia e Controle de Populações Caninas, definiu guarda responsável como sendo a condição na qual, o guardião de um animal de companhia aceita e compromete-se a assumir uma série de deveres centrados no atendimento das necessidades físicas, psicológicas e ambientais de seu animal, assim como prevenir os riscos (potencial de agressão, transmissão de doenças ou danos a terceiros) que seu animal possa causar à comunidade ou ao ambiente, como interpretado pela legislação vigente, e com base na Declaração dos Direitos dos Animais. Desta forma, infere-se que o conceito de guarda responsável implica na conduta humana de dar ao integrante da fauna o devido respeito, não o submetendo a maus tratos e a atos cruéis, nem o explorando, muito menos promovendo o seu extermínio desnecessário ou cruel (SANTANA e OLIVEIRA, 2006).

Fatores associados à falta de responsabilidade dos proprietários de animais contribuem para o crescimento populacional de cães e gatos, sem controle. Conseqüentemente, ações efetivas de controle da reprodução devem ser implantadas, desde que associadas a outros pilares dos programas de controles de populações, sendo recomendável o emprego de esterilização cirúrgica de machos e fêmeas, com técnicas minimamente invasivas, preferencialmente a partir de oito semanas de idade. As cirurgias devem ser acessíveis geográfica e economicamente aos proprietários de animais (VIEIRA, 2008).

Observa-se que o desenvolvimento da relação entre o ser humano e o animal de companhia ocorre simultaneamente a importantíssimas mudanças comportamentais da própria sociedade, que passou a: ter menor número de filhos e mais recursos em geral; conferir ao animal de companhia o *status* de membro da família; viver mais dentro de casa do que fora; disponibilizar espaço para o animal de companhia; fazer previsão em seu

orçamento familiar dos gastos com animais, passando a assisti-lo na vida e na morte (SANTANA e OLIVEIRA, 2006).

Em princípio, ter um animal de estimação, muitas vezes recolhido do abandono, não coloca em risco o seu bem estar, nem o da comunidade. Por outro lado, os maus tratos nem sempre estão ligados à má índole ou à indiferença do homem, pois podem ter origem na falta de conhecimento sobre as necessidades e o comportamento da espécie, assim como na projeção antropomórfica das necessidades do guardião, com excesso de apego e zelo, que são igualmente cruéis e traumáticos, comprometendo a guarda responsável (GRAMINHANI, 2007).

A sociedade freqüentemente desaprova o recolhimento de animais e as instalações públicas para seu alojamento. Sendo assim, o incentivo à propriedade, posse ou guarda responsável é de fundamental importância para o sucesso do controle de populações de cães e gatos. Já os órgãos públicos, devem ser exemplos de manejo etológico e preservação do bem estar animal, mesmo daqueles que precisam ser submetidos à eutanásia. Também devem desenvolver ações com vistas ao controle do comércio de animais, associados aos programas educativos, de forma a coibir a aquisição de animais por impulso, pois pesquisas apontam que, o aumento das populações de animais sem controle, é influenciado pelo abandono de crias indesejadas (VIEIRA, 2008).

2.3. Bem-estar animal na medicina veterinária

Atualmente, as profissões que lidam com animais passam por uma transformação central para atender a valorização do BEA, com uma demanda de conhecimento e atuação nesta área (BROOM e MOLENTO, 2004). Desta forma, é essencial que médicos veterinários e zootecnistas aprendam durante a graduação suas bases conceituais e suas principais aplicações (MOLENTO, 2005).

O bem-estar dos animais de interesse zootécnico, de certa forma, sempre foi uma preocupação dos produtores e pesquisadores, que tinham como objetivo melhorar as condições de criação e reduzir o estresse para obter melhor desempenho produtivo. Atualmente, devido às pressões de consumidores, ONGs e legislações, este conceito se ampliou e envolve os direitos dos animais e o abate humanitário (SARTORI, 2008).

Assim como na utilização de animais para produção de alimentos, as preocupações com BEA se expandem para outras formas de uso de animais pelo ser humano. Hoje as profissões que lidam com animais passam por uma transformação central para atender a valorização do bem-estar, com demanda de conhecimento e atuação nesta área (BROOM e MOLENTO, 2004).

Especificamente em relação ao ensino sobre bem-estar animal nas faculdades de veterinária ou em outras instituições de educação, observa-se que na maioria dos casos, este tema é desenvolvido em disciplinas diversas. Em nove países (Canadá, Brasil, Haiti, Colômbia, Costa Rica, Honduras, Peru e Argentina. Na França, Canadá, EUA, e Colômbia), existem cursos ou disciplinas específicas sobre BEA, em nível de mestrado ou doutorado. Há registros de financiamento para pesquisas científicas sobre bem-estar animal na Argentina, Brasil, Canadá, Chile, França e Haiti (GALLO, 2008).

As questões relacionadas ao ensino do BEA e a pesquisa tiveram início na década de 1980, na UNESP de Jaboticabal e na Universidade Federal de Santa Catarina. Desde então, o número de pesquisadores envolvidos na área de BEA vem crescendo no Brasil. No ano de 2006, ocorreu no Rio de Janeiro o I Congresso Internacional Conceitos em BEA, promovido pela Sociedade Mundial de Proteção Animal – WSPA. Após dois anos de realização, observa-se que os resumos são originários de vários estados, evidenciando a expansão da pesquisa em BEA no Brasil com ênfase na situação brasileira, discutindo os desafios e as possibilidades de aprimoramento (MOLENTO, 2008).

2.4. Bem-estar de animais de companhia

A denominação de animais de companhia, utilizado principalmente para cães e gatos, deve-se a importância dos fortes vínculos emocionais que se estabelecem durante o convívio entre animais e humanos. Nesse sentido, há uma preocupação em elucidar os mecanismos de ação que levam aos benefícios desta convivência. Para tanto, são sugeridos diversos mecanismos, inclusive os supostos atributos intrínsecos dos animais e seu valor como instrumento vivo para promover mudanças positivas no auto conceito e comportamento de pessoas. Estas modificações se apoiariam no desenvolvimento de várias habilidades e no exercício de responsabilidades (FARACO, 2008).

Há grande preocupação com o bem-estar de animais de companhia (cães, gatos, peixes, aves, répteis, entre outros), animais de trabalho (equinos e muare) e animais de

entretenimento mantidos em circos, zoológicos e arenas de rodeios. Os relatos de excessos cometidos pelo ser humano contra estes animais são extensos e, provavelmente, estas categorias foram as que mais influenciaram a opinião pública e contribuíram para o surgimento dos movimentos de defesa dos animais. Muitas vezes negligenciados por seus donos e/ou tratadores, agredidos, mantidos presos em pequenos espaços, com alimentação inadequada e insuficiente para atender suas exigências, submetidos a mutilações para diminuir sua agressividade ou simplesmente por estética, estes animais merecem tanta atenção quanto os animais da cadeia produtiva de alimentos e produtos de origem animal (SARTORI, 2008). Dentro da categoria de animais de entretenimento não se pode deixar de ressaltar, a vaquejada, onde o respeito a vida animal é totalmente desconsiderado.

Atribui-se ao cão a primeira domesticação, com evidências concretas de uma amizade que visava o benefício das duas espécies, ou seja, formava-se uma aliança duradoura, na qual o homem era o líder e o cão, o caçador perspicaz assimilador dos costumes e regras peculiares às primeiras comunidades humanas. Portanto, esta antiga cumplicidade permite compreender a forte ligação existente entre o homem e o cão. Já o papel dos gatos na vida do ser humano foi-se alterando ao longo de todo o processo de domesticação, passando de controladores de pestes a companheiros estimados, muito possivelmente devido à sua enorme capacidade de adaptação a uma grande variedade de ambientes (BEAVER, 2005).

Segundo Diniz (2008) nos traços comportamentais do relacionamento do gato com o homem, considerando o sexo dos animais (gato x pessoa x sexo) não se verifica associação significativa entre os traços e os resultados percentuais aproximados entre os sexos. Neste trabalho, observaram-se percentuais próximos (44,64% e 55,36%) para fêmeas e machos, respectivamente, quando se avaliou os traços sociais denominados: brincalhão, agressivo, vocaliza, aprecia atenção e gosta de roçar o corpo; enquanto que os traços denominados curioso e gosta de colo/braço é mais elevado em gatos machos, já que as fêmeas mostram-se inseguras. Pode-se sugerir que a insegurança na relação social das fêmeas, inclusive com pessoas, esteja relacionada ao estresse induzido por superpopulação e presença de machos muito próximos a ela, mesmo que esterilizados. Quanto aos machos, a curiosidade e o gostar de colo/braço estão de alguma maneira relacionados à formação de vínculo social e maior abrangência no domínio/segurança territorial (marcação por troca de odores, observação e reconhecimento das situações).

Considerando os animais de estimação, estes são criados, muitas vezes, de acordo com a rotina de vida dos seres humanos, geralmente, cometendo-se o erro de incorporar maus hábitos ao seu cotidiano, privando-os de sua vida instintivamente selvagem e de seus hábitos naturais. Tais alterações acabam por se refletir diretamente na sua expectativa de vida (WONG et al., 1999; BERZINS, 2000).

2.5. Bem-estar e experimentação científica

Os animais vêm sendo utilizados desde a antiguidade como modelos em pesquisas. Na Babilônia, o Código de Hammurabi, que data do ano 2.250 a.C., relata práticas médicas como a aruspícia, arte de fazer presságios (diagnósticos e prognósticos), baseada na observação dos órgãos internos dos animais sacrificados especialmente com esta finalidade (MUNDEL, 2003).

Segundo Goldim (1997), Hipócrates (450 a.C.) já relacionava o aspecto de órgãos humanos doentes com o de animais, com finalidade claramente didática. Feijó (2005) relata que na antiga Grécia, Aristóteles (384-322 a.C.) observou e descreveu mais de 50 espécies animais em suas obras e, embora seja considerado o fundador da anatomia comparada é provável que nunca tenha dissecado um corpo humano. No século XIX surgiu a primeira indagação com relação aos direitos dos animais. O filósofo britânico Jeremy Bentham (1748-1832) levantou o argumento do sofrimento, defendendo que a utilização dos animais não deveria ser baseada em questões como a ausência ou presença de habilidades, tais como o raciocínio ou a fala, mas sim, na capacidade de sofrer (PAIXÃO, 2001).

O livro *The principles of humane experimental technique*, publicado por Russell e Burch, em 1959, afirma que a pesquisa com animais deve respeitar o princípio dos três Rs:

- ✓ *Replacement* (substituição);
- ✓ *Reduction* (redução);
- ✓ *Refinement* (refinamento).

Substituição significa que, em vez de animais superiores, devesse utilizar formas de vida filogeneticamente mais primitivas ou experimentos simulados, com base em avanços tecnológicos.

Redução sugere que as pesquisas sejam realizadas com o menor número de animais e de procedimentos possíveis, que permitam alcançar os objetivos do trabalho.

Refinamento, para esses autores, implica na capacidade que os pesquisadores tem para improvisar métodos que reduzam o sofrimento dos animais, oferecendo-lhes o maior conforto possível. Os três Rs repercutiram tão favoravelmente que foram incorporados de imediato pela *Royal Commission of Ethics* do Reino Unido e adotados pelo governo dos Estados Unidos, para a liberação de verbas destinadas a projetos de pesquisa em áreas biomédicas (PETROIANU, 2009).

Nas décadas de 1970 e 1980 vários fatores contribuíram para a criação de mecanismos de controle do uso de animais no âmbito da experimentação animal. Os movimentos sociais, especialmente nos EUA e na Europa, o surgimento da ciência do bem-estar animal e a intensificação do debate moral com o nascimento da bioética, levaram à criação ou revisão de legislações já existentes em diversos países, diretamente relacionadas ao emprego de animais em experimentações científicas, tornando obrigatória a revisão dos protocolos experimentais pelas comissões institucionais. (PAIXÃO, 2007). Vários países constituíram comissões de ética com vistas no uso de animais em pesquisas, tendo sido a Suécia, em 1979, o primeiro país a constituir este tipo de comissão. No entanto, só a partir de 1980 a obrigatoriedade dessas comissões se ampliou no âmbito internacional (PAIXÃO, 2004).

As comissões de ética em experimentação animal surgiram com o intuito de se fazer cumprir princípios e leis que norteiam o uso de animais em experimentação científica, ensino, treinamentos e outros procedimentos de caráter científico, através da avaliação e revisão dos seus protocolos. No Brasil, a década de 1990 é o marco da criação destas comissões, provavelmente fruto das exigências internacionais para publicação de artigos científicos, visto que, não havia nada que regulamentasse a existência das mesmas. Na ausência de uma legislação específica própria para o ensino e a pesquisa, as instituições se regulavam por meio de suas próprias comissões de ética, que se espelhavam em experiências locais e internacionais e procuravam seguir diretrizes como aquelas preconizadas por instituições como o Colégio Brasileiro de Experimentação Animal (COBEA). De acordo com as leis que regem a prática didático-científica da vivissecção de animais, pela Declaração Universal dos Direitos dos Animais e por princípios internacionais para pesquisa biomédica envolvendo animais (PAIXÃO, 2007).

As comissões de ética, que foram originadas a partir do próprio interesse das instituições de pesquisa e universidades, tem perfil diferenciado no que se refere ao seu papel dentro da instituição, sua composição e forma de atuação. A participação do médico veterinário nestas comissões é fundamental, exatamente por deter um conhecimento específico sobre as implicações de diversos fatores que interferem na qualidade de vida animal, tornando-se, portanto, essencial que ele se qualifique em BEA e faça reflexões morais acerca do status dos animais na sociedade (PAIXÃO, 2004).

O Brasil é um dos poucos países do mundo a vedar, na própria Constituição Federal, a prática da crueldade para com os animais. As Cartas Estaduais, em sua maioria, acompanham a Federal, proibindo a submissão de animais a atos cruéis. Assim, o repertório jurídico brasileiro é mais do que suficiente para proteger os animais da maldade humana (LEVAI, 2006). Apesar disto, são utilizados animais para variados fins sem qualquer controle, contrariando a farta legislação, que deve ser assegurada e garantida pelos órgãos públicos judiciais (FELIPE, 2007).

Recentemente, em oito de outubro de 2008, foi criada a Lei 11.794, que regulamenta a criação e a utilização de animais em atividades de ensino e pesquisa científica, em todo o território nacional, restringindo a utilização de animais em atividades educacionais a apenas estabelecimentos de ensino superior e estabelecimentos de educação profissional técnica de nível médio da área biomédica. Ao mesmo tempo em que criou o Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal – CONCEA, que credencia instituições para criação ou utilização de animais em ensino e pesquisa científica, além de determinar a constituição de Comissões de ética no Uso de Animais – CEUAs por estas instituições.

Atualmente o Decreto Nº 6.899, de 15 de julho de 2009, dispõe sobre a composição do CONCEA, estabelece as normas para o seu funcionamento e de sua Secretaria-Executiva, criando o cadastro das Instituições de Uso Científico de Animais, CIUCA.

2.6 Referências

BERZINS, M. A. V. S. **Velhos, cães e gatos: interpretação de uma relação**. 2000.132f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Curso de Pós-graduação em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

- BROOM, D. M.; MOLENTO, C. F. M. Bem estar animal: Conceitos e Questões Relacionadas – Revisão. **Archives of Veterinary Science**. Curitiba, v.9, n.2, p.1-11, 2004.
- CHAUI, M. A Universidade Pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, n.24, Rio de Janeiro, Set./Dez. 2003.
- CRUZ, V. F.; SOUSA, P. Sistema integrado de monitoramento do bem estar animal. **EMBRAPA Suínos e Aves**. Artigos, 2005.
- DOVAL, L. M. S. Direito dos animais: uma abordagem histórico-filosófica e a percepção de bem estar animal. **Monografia** (Graduação em Medicina Veterinária)- Faculdade de Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- FARACO, C. B. Interação Homem-Animal. **Revista Ciência Veterinária dos Trópicos**, Recife, v.11, suplemento 1, p. 31-35, abril, 2008.
- FELIPE, S. T. Dos Direitos morais aos Direitos Constitucionais para além do especismo elitista e eletivo. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, v.2, n.2, Jan/Jun, 2007.
- GALLO, C. Ensino de bem estar animal nos cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia. **Revista Ciência Veterinária dos Trópicos**, Recife, v.11, suplemento 1, p. 1-5, abril, 2008.
- GRAMINHANI, M. G. O bem estar dos cães domiciliados em apartamento. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, ano 2, n.2, Jan/Jun, 2007.
- LEMONS, K. C. Análise da legislação aplicável na proteção do bem estar animal. **Revista Ciência Veterinária dos Trópicos**, Recife, v.11, suplemento 1, p. 80-83, abril, 2008.
- LEVAI, L. S. Crueldade Consentida-crítica a razão antropocêntrica. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Instituto de Abolicionismo Animal, Salvador, v.1, n.1, p. 176, jan/dez. 2006.
- MOLENTO, C. F. M. 2007. Bem estar animal: qual é a novidade? **Acta Scientiae Veterinariae**, 35 (Supl. 2): s224-s226, 2007.
- MOLENTO, C. F. M. Bem Estar e Produção Animal: Aspectos Econômicos Revisão. **Archives of Veterinary Science**, v.10, n.1, p.1-11, 2005a.

MOLENTO, C. F. M. Ensino de Bem Estar Animal, nos cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia, **Ciência Veterinária nos Trópicos.**, Recife, v.11, suplemento1, p.6-12 – abril, 2008.

MOLENTO, C. F. M. Sensciência. **Conselho Regional de Medicina Veterinária do Paraná**, Curitiba, n.16, p.18. Ano IV, Jul/Ago/Set, 2005b.

PAIXÃO, R. L. A regulamentação da experimentação: uma breve revisão. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, Brasília, Ano XIII, n.40, p.59-66, Jan/Fev/Mar/Abril. 2007.

PAIXÃO, R. L. Ética Animal. As Comissões de Ética no uso de animais. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, Brasília, Ano 10, n. 32, - maio a agosto/ 2004.

PAIXÃO, R. L. Experimentação animal: razões e emoções para uma ética. **Tese** (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001.151p.

PAIXÃO, R. L. Métodos Substitutivos Ao Uso De Animais Vivos No Ensino. Repensando O Que Aprendemos Com Os Animais No Ensino. **Revista Ciência Veterinária dos Trópicos**, Recife, v.11, suplemento 1, p. 88-91, abril, 2008a.

PETROIANU, A. **Aspectos éticos na pesquisa em animais.** Disponível em: < <http://www.medicina.ufmg.br/cememor/arquivos/aspectoseticosanimais.pdf> >. Acessado em: jul. 2009.

REICHMANN, M. L. A. B.; FIGUEIREDO, A. C. C.; PINTO, H. B. F.; NUNES, V. F. P. **Controle de populações de animais de estimação.** Manual técnico do Instituto Pasteur, São Paulo, n.6, 2000.52p.

SANTANA, L. R.; OLIVEIRA, T. P. Guarda responsável e dignidade dos animais. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, ano 1, n.1, Jun/Dez, 2006.

SARTORI, J. R. **Ciência Veterinária nos Trópicos**, Recife, v. 11, suplemento 1, p. 13-16 - abril, 2008.

SNOWDON, C. T. O Significado da Pesquisa em Comportamento Animal. **Estudos de Psicologia**, v.4, n.2, Natal, July/Dec, 1999.

VIEIRA, A. M. L. Controle Populacional de Cães e Gatos. Aspectos técnicos e operacionais. **Revista Ciência Veterinária dos Trópicos**, Recife, v.11, suplemento 1, p. 102-105, abril, 2008.

CAPÍTULO 2

**PERFIL DEMOGRÁFICO E CONHECIMENTO SOBRE BEM ESTAR
ANIMAL DE ACOMPANHANTES DE CÃES E GATOS ATENDIDOS
NO HOSPITAL VETERINARIO DO DEPARTAMENTO DE MEDICINA
VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE
PERNAMBUCO**

RECIFE

2010

**3- PERFIL DEMOGRÁFICO E CONHECIMENTO SOBRE BEM ESTAR DE
ACOMPANHANTES DE CÃES E GATOS ATENDIDOS NO HOSPITAL
VETERINÁRIO DO DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**

*(Demographic profile and knowledge about the well-being of companions dogs and cats
met in Hospital Veterinário of Veterinary Medicine Department of Universidade Federal
Rural de Pernambuco)*

Resumo - O conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos, sobre bem-estar animal, é de grande importância para uma promoção da saúde do animal não humano e para uma reflexão ética dos profissionais que atuam diretamente no atendimento do Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural de Pernambuco, visando uma ampliação na conscientização da importância da preservação dos direitos e ao respeito a vida animal não humana. Objetivou-se no trabalho apresentar um perfil do conhecimento sobre bem-estar animal, realizado através de aplicação de questionários capazes de alcançar percentuais significativos associado a uma avaliação das necessidades de ampliar o conhecimento sobre bem-estar animal para a sociedade.

Palavras-chave: bem-estar animal; acompanhantes; cão; gato

Abstract - Knowledge of companions dogs and cats on animal welfare, is of great importance to the promotion of health animal for ethical reflection of professionals who work directly in veterinary Hospital care of University Federal Rural de Pernambuco, magnification in awareness of the importance of preserving the rights and respect for animal life human not. Objective in present a profile of knowledge about animal welfare, achieved through application of questionnaires can achieve significant percentage associated with an assessment of needs to extend the knowledge about animal welfare.

Key words: animal welfare, guardianship of animal; canine; feline

3.1 Introdução

A relação existente entre os homens e animais domésticos é muito antiga. A interação do homem com os animais remonta aos primórdios da história da humanidade, tendo sido os lobos os que, inicialmente se adaptaram para conviver mais estreitamente nas comunidades humanas. Foi a partir desta convivência que os espécimes animais foram selecionados e aprimorados em suas características, de acordo com o interesse humano, dando origem a espécie canina, diferenciada dos lobos nos aspectos naturais, mas preservando alguns de seus comportamentos, como a formação de matilhas e a de sociedade hierarquicamente organizada e definidas (REICHMANN et al., 2000).

O desenvolvimento da relação entre o ser humano e o animal de companhia ocorre simultaneamente a importantíssimas mudanças comportamentais da própria sociedade, que passou a: ter menor número de filhos e mais recursos em geral; conferir ao animal de companhia o *status* de membro da família; viver mais dentro de casa do que fora; disponibilizar espaço para o animal de companhia; fazer previsão em seu orçamento familiar dos gastos com animais, passando a assisti-lo na vida e na morte (SANTANA e OLIVEIRA, 2006). Cães e gatos representam os animais que mais intimamente participam da convivência humana, sendo que os benefícios decorrentes desta convivência repercutem sobre o estado de saúde física e psicológica dos seus proprietários. Muitos estudos sugerem que a posse de um animal de companhia pode ser benéfica para o ser humano (SCHOENDORFER, 2001).

O acompanhante do paciente veterinário é um elemento que pouco aparece nas investigações, ficando desta forma, relegado a um segundo plano, quando se trata de assistência hospitalar a cães e gatos, porém não se pode negar a importância fundamental que ele tem na recuperação do paciente. Assim, o acompanhante seria todo e qualquer indivíduo quer seja tutor ou não, que conduz e acompanha o cão ou o gato no ambiente hospitalar, sendo o portador de todas as recomendações médicas e terapêuticas prescritas e decisivas para a recuperação do paciente.

A escassez de informações sobre bem-estar de cães e gatos e, principalmente a falta de conhecimento sobre a compreensão que seus tutores têm a esse respeito, dificultam sobremaneira a proposição de iniciativas que minimizem a falta de bem-estar ou o bem-estar reduzido vivenciado por um número elevado de animais durante toda a vida.

Considerando a demanda atendida pelo Hospital Veterinário da UFRPE, objetivou-se estudar o perfil do acompanhante de cães e gatos, bem como, investigar seu conhecimento sobre bem-estar animal.

3.2 Material e métodos

3.2.1 Área de estudo

Foi realizado estudo descritivo, de natureza qualitativa e quantitativa, no período de novembro a dezembro de 2009, sobre o perfil demográfico e o conhecimento do acompanhante de cães e gatos, a respeito de bem-estar animal, atendido no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, campus Recife, voltado a educação, pesquisa, extensão e assistência à saúde, cuja principal característica é o serviço ambulatorial clínico e cirúrgico oferecido a animais de companhia (cães e gatos) com alcance de toda região metropolitana do Recife, Pernambuco, e atendimento diário médio de 70 animais.

Os dados foram coletados junto a voluntários acompanhantes de cães e/ou gatos, a partir das respostas obtidas por meio de questionário semi-estruturado (anexo 1), que respeitou um roteiro previamente estabelecido, dividido em duas seções com 32 perguntas. A primeira seção, fazia referência a dados demográficos dos entrevistados, sendo composto por questões abertas e fechadas de múltipla escolha. A segunda avaliou o conhecimento sobre bem-estar animal, e foi elaborado com questões fechadas e dicotômicas. No momento da aplicação do questionário realizou-se uma breve explanação sobre a investigação. Para assegurar a confiança, credibilidade e compreensão, o questionário foi testado previamente, e teve sua aplicação realizada no período de novembro e dezembro de 2009. Também a equipe, que realizou as entrevistas foi treinada e o método de abordagem aos acompanhantes, na formulação das questões e dos registros das respostas, foi padronizado.

3.2.2 Amostragem

Para assegurar a representatividade, na definição da amostragem de acompanhantes de cães e/ou gatos, do tipo aleatória simples, utilizou-se a técnica recomendada por Thrusfield (2004), onde:

$$n = \frac{z^2 \cdot p \cdot q}{d^2} = \frac{1,96^2 \times 0,5 \times 0,5}{0,06^2} = 266,77$$

p = q: são os parâmetros da proporção para obter “n” máximo (50%);

z = 1.96: que corresponde ao intervalo de significância de 95%;

d = margem de erro amostral de 6% de p: que correspondendo ao intervalo de 47% a 53%;

n = tamanho da amostra.

Prevendo a possibilidade de perda de dados, optou-se por trabalhar com uma amostra de 270 questionários.

3.2.3 Análise de dados

Para análise dos resultados foi criado um banco de dados, disposto em tabelas construídas com auxílio do MS Excell, para o cálculo das freqüências absolutas e relativas de cada variável associada ao estudo descritivo.

3.3 Resultados e Discussão

A sistemática para apresentação dos resultados obtidos consta de três etapas. Na primeira, descreve-se o perfil demográfico dos acompanhantes, conforme a tabela 1 e os gráficos 1 e 2. Na segunda, apresenta-se a distribuição por sexo, idade, e raça das populações canina (tabela 2) e felina (tabela 3) amostradas. Por fim, aprecia-se o entendimento dos acompanhantes a cerca de bem-estar animal, de acordo com as tabelas 4, 5, 6 e 7.

A tabela 1 mostra o perfil sócio cultural dos acompanhantes femininos e masculinos de cães e gatos avaliados nesta pesquisa e, detalhados por sexo nos gráficos 1 e 2. É possível observar que houve predominância de acompanhantes do sexo feminino, com idade geralmente entre 26 e 51 anos, casadas, procedentes do município de Recife, residindo em casas e com grau de escolaridade em ensino médio. Já no caso dos acompanhantes masculinos, embora tenham ocorrido em menor número, seu perfil não diferiu muito do feminino, com destaque apenas para a escolaridade que no caso das mulheres foi mais elevada.

Diante de tais resultados é interessante sugerir e salientar que as mulheres, são mais detalhistas, costumam perceber com mais intensidade as mudanças no comportamento do

animal de estimação e que tais observações independem do nível de escolaridade e conhecimento sobre saúde animal, já que, 71,32% dos animais atendidos foram oriundos da população portadora de escolaridade fundamental ou média. Porém outro aspecto a ser avaliado, considerando que os números das acompanhantes casadas e solteiras foram os mesmos, é o fato das mulheres estarem mais envolvidas com as tarefas domésticas, que incluem os cuidados com os animais de estimação.

Quando se avalia que o hospital veterinário está inserido no âmbito universitário, oferecendo o curso de Medicina Veterinária e, conseqüentemente propiciando a vivência de professores e alunos no ambiente hospitalar e que, a população possuidora de nível superior, incluindo pós-graduação, tem a representatividade de apenas 28,31%, quase 2,5 vezes menor que as demais, se pode fazer duas reflexões: a vivência universitária não estimula a confiabilidade nos alunos de outra instituição de nível superior, já que este é considerado um hospital escola, com participação dos discentes no atendimento ambulatorial, laboratorial e cirúrgico ou; a procura por este hospital fica secundária a clínica particular devido a grande demanda que ele apresenta, gerada pela confiabilidade na instituição que, conseqüentemente levam ao aumento do tempo de espera pelos procedimentos clínicos, laboratoriais e cirúrgicos.

Tabela 1: Perfil sócio-cultural dos acompanhantes de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, no período de novembro a dezembro de 2009. Recife, 2010.

Variáveis	n/N	Frequência %
Tipo de acompanhante		
Tutor	239/272	87,87
Não tutor	33/272	12,13
Sexo		
Feminino	184/272	67,65
Masculino	88/272	32,35
Idade em anos		
18 26	51/272	18,75
26 51	156/272	57,35
51	65/272	23,90
Estado Civil		
Solteiro	112/272	41,18
Casado	122/272	44,85
Viúvo	16/272	5,88

Outro	22/272	8,09
Procedência		
Recife	182/272	66,91
Região metropolitana	83/272	30,51
Outros	07/272	2,57
Tipo de Moradia		
Casa	228/272	83,82
Apartamento	42/272	15,44
Outro	2/272	0,74
Escolaridade		
Analfabeto	01/272	0,37
Fundamental I	37/272	13,60
Fundamental II	60/272	22,06
Médio	97/272	35,66
Superior	64/272	23,53
Pós-graduação	13/272	4,78

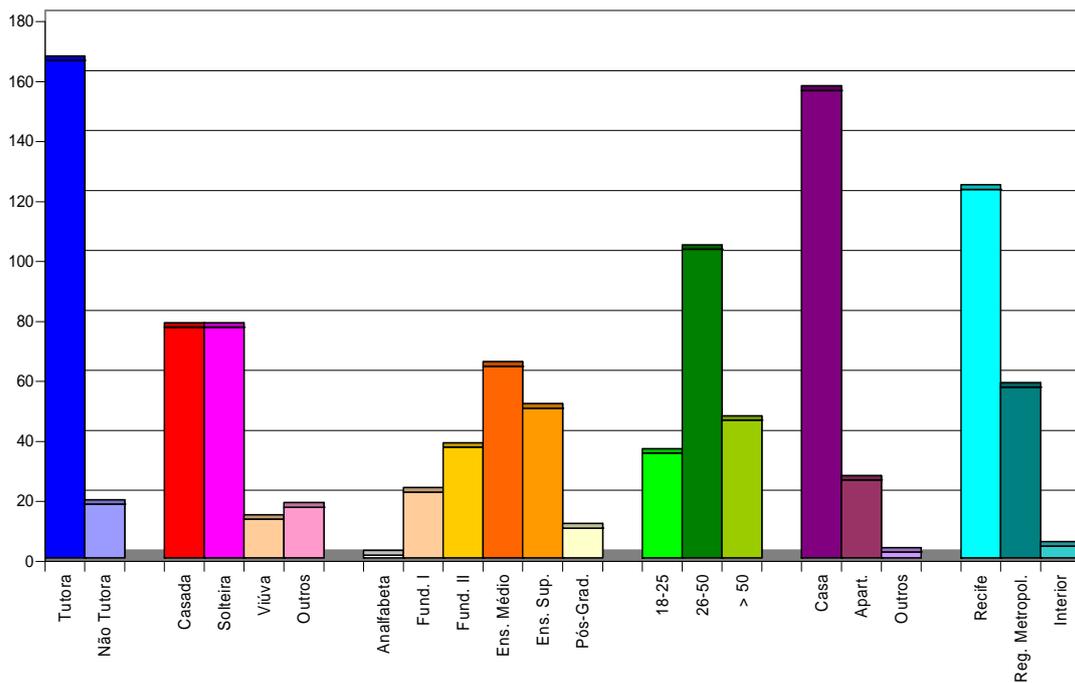


Figura 3. Perfil da acompanhante feminina de cão e/ou gato atendido no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, no período de novembro a dezembro de 2009. Recife, 2010.

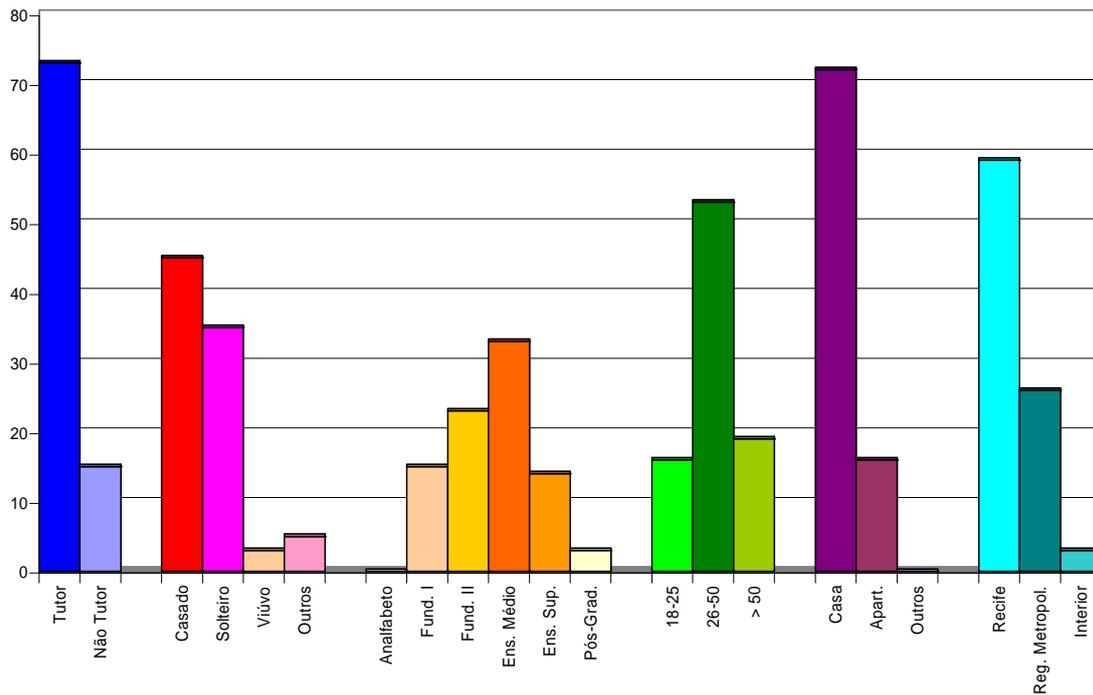


Figura 4. Perfil do acompanhante masculino de cão e/ou gato atendido no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, no período de novembro a dezembro de 2009. Recife, 2010.

Na tabela 2 verificam-se as características dos cães atendidos no Hospital Veterinário, quanto ao sexo, idade e raça, tendo-se como resposta uma maior frequência de cães do sexo masculino, com idade entre 19 e 95 meses e sem definição de raça.

Avaliando os resultados acima apresentados observa-se que os mesmos são os achados esperados na clínica ambulatorial, já que tanto os machos, quanto as fêmeas se encontram com percentuais próximos; e que o intervalo da idade corresponde a faixa etária de maior ocorrência de diferentes doenças, seja pelo manejo, traumas ou outras circunstâncias que podem atingir o animal adulto. A predominância de cães sem raça definida pode estar associada ao fato de que muitos tutores de animais de raça, principalmente os destinados a reprodução, exigem fidelidade no atendimento do médico veterinário, o que é inviável no serviço público.

Tabela 2: Características dos cães atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, no período de novembro a dezembro de 2009, Recife, 2010.

Variáveis	n/N	Frequência%
Sexo		
Fêmea	99/216	45,83
Macho	117/216	54,17
Idade em meses		
0 19	61/216	28,24
19 95	94/216	43,52
96	55/216	25,46
Não soube informar	06/216	02,78
Raça		
American Terrier	01/216	00,46
Basset	01/216	00,46
Beagle	01/216	00,46
Boxer	01/216	00,46
Dogo Argentino	01/216	00,46
Lhasa Apso	01/216	00,46
Pastor Belga	01/216	00,46
Pequinês	01/216	00,46
Husk Siberiano	01/216	00,46
Pug	02/216	00,93
Doberman	02/216	00,93
Bichon Frise	02/216	00,93
Fila Brasileiro	03/216	01,39
Labrador	03/216	01,39
Rotweiller	04/216	01,85
Yorkshire	05/216	02,31
Pitbull	06/216	02,78
Dachshund	07/216	03,24
Pastor Alemão	08/216	03,70
Cocker Spaniel	11/216	05,09
Miniatura Pinscher	20/216	09,26
Poodle	42/216	19,44
Sem definição de raça	92/216	42,59

A tabela 3 apresenta as características dos gatos atendidos no Hospital Veterinário relacionadas ao sexo, idade e raça, onde se verifica a maior frequência de gatos do sexo macho, com idade variando entre 19 e 95 meses e sem definição da raça.

Tabela 3: Características dos gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, no período de novembro a dezembro de 2009

Variáveis	n/N	Frequência %
Sexo		
Fêmea	25/56	44,64
Macho	31/56	55,36
Idade em meses		
0 19	15/56	26,79
19 95	31/56	55,36
96	08/56	14,29
Não soube responder	02/56	3,57
Raça		
Siamês	09/56	16,07
Sem definição de raça	47/56	83,93

Quando se compara os resultados obtidos de cães e gatos, verifica-se que o atendimento dos primeiros é bem mais frequente, o que pode ser explicado devido a maior identidade e interação que existe na relação entre homens e cães, porém deve-se considerar que atualmente os gatos têm ocupando maior lugar na rotina familiar, como citado por Reichmann et al., (2000), que afirma que ao longo dos tempos, os gatos também passaram a compor o ambiente doméstico humano, passando a ser uma companhia apreciada por sua lealdade, independência e hábitos de higiene individual, que os torna preferível (19,64%) na comparação com cães (13,43%), quando o ambiente domiciliar é mais restrito como no caso de apartamentos.

Existem várias teorias sobre as razões da domesticação do gato pelo homem, mas a relação gato-homem parece situar-se à parte de qualquer outro tipo de interação homem-animal. O gato considera os seres humanos como um membro de seu grupo social — como sua mãe adotiva — talvez pelos cuidados que lhe são dedicados, contribuindo para que não se tornem emocionalmente adultos. Por outro lado, pode-se considerar que ele trate os seres

humanos como se fossem suas crias — lhes trazendo caça, banhando-os com a língua, chamando-os como o fazem com os filhotes. Provavelmente esta relação entre seres humanos e gatos deva-se à própria estrutura familiar destes últimos, na qual uma hierarquia definida, completa e estável não existe (BRADSHAW e NOTT, 1992; HELGREN, 1999). Esta convivência entre gato e homem traz mudanças de vida para ambas as espécies e os efeitos benéficos ao homem, neste relacionamento, abrangem do físico ao mental (KATCHER e BECK, 1983).

A tabela 4 mostra o conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário sobre as necessidades físicas básicas dos animais, demonstrando uma maior frequência de acompanhantes que levam seu animal ao médico veterinário uma vez ao ano e que realizam a vacinação e a vermifugação anualmente.

Tabela 4: Avaliação do conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre as necessidades físicas básicas dos animais, no período de novembro a dezembro de 2009

Variáveis	Respostas		Respostas	
	positivas		negativas	
	n/N	%	n/N	%
Leva seu animal ao médico veterinário 1 vez ao ano?	141/272	51,84	131/272	48,16
Faz a vacinação anual do seu animal?	227/272	83,46	45/272	16,54
Faz a vermifugação anual do seu animal?	228/272	83,82	46/272	16,91

Na tabela 5, avalia-se o conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos relacionados às necessidades ambientais dos animais, encontra-se um percentual maior para animais que possuem espaço para exercitar-se, como também para animais cujo ambiente é limpo diariamente.

Tabela 5: Avaliação do conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE,

sobre as necessidades ambientais dos animais, no período de novembro a dezembro de 2009. Recife, 2010

Variáveis	Respostas Positivas		Respostas Negativas	
	n/N	%	n/N	%
Seu animal tem espaço para exercitar-se?	256/272	94,12	16/272	5,88
É feita limpeza diária do ambiente?	263/272	96,69	9/272	3,31

Segundo Sartori (2008), os tutores assim como os profissionais devem olhar o animal como um organismo vivo, que sente, tem necessidades e que responde aos estímulos do ambiente que o cerca. Afirmando-se a influência do meio ambiente na contribuição do bem-estar animal, acompanhado do grau de responsabilidade de seu tutor, assim como das orientações do médico veterinário a respeito do direito ao espaço físico e higiene ambiental, como elementos necessários para o bem-estar animal.

Os dados apresentados acima podem ser visualizados nas Figuras 5, e 6.

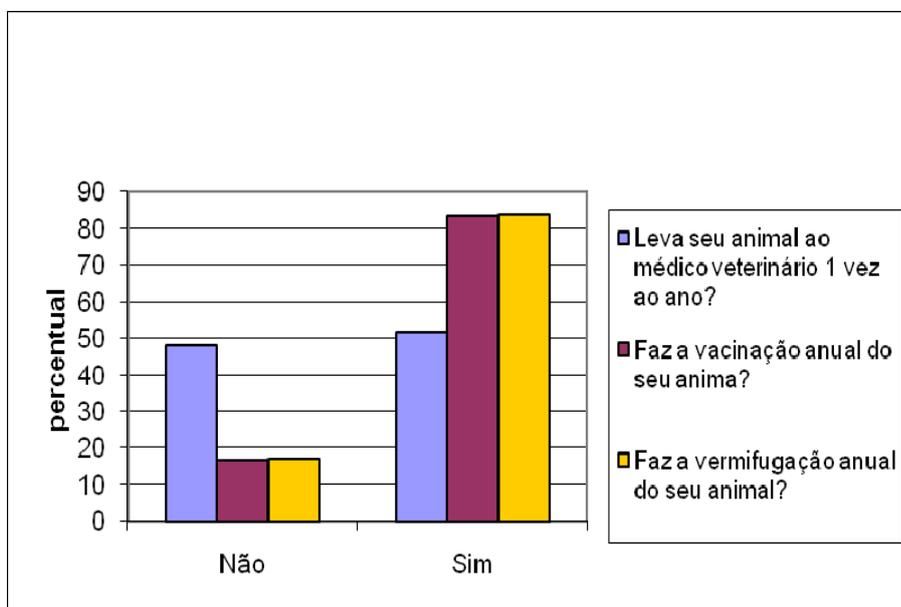


Figura 5- Avaliação do conhecimento dos acompanhantes dos cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre as necessidades físicas, no período de novembro a dezembro de 2009.

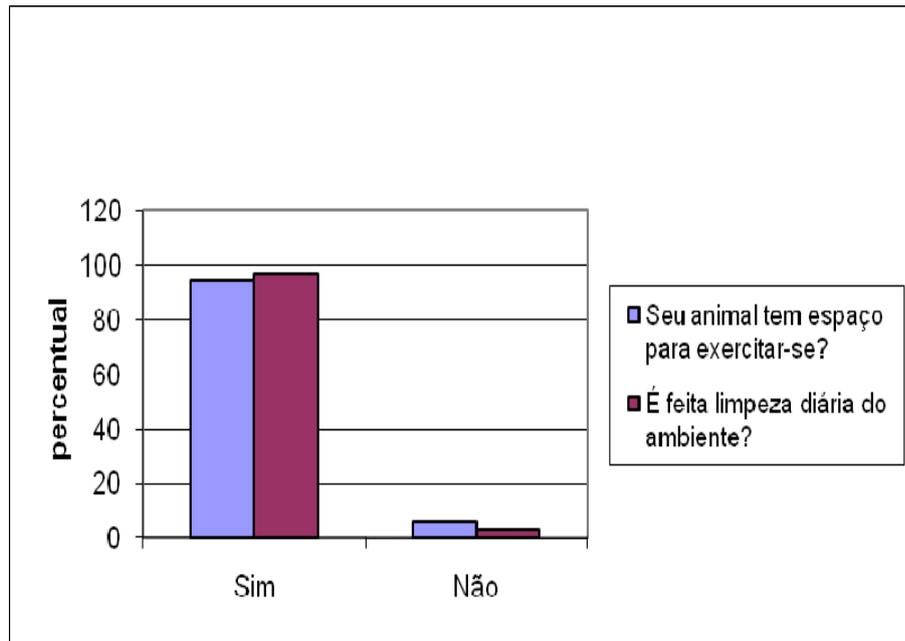


Figura 6- Avaliação do conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário, sobre necessidades ambientais, do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, 2010.

A prevenção da raiva animal é o instrumento mais importante no controle da raiva humana na zona urbana. Esse controle é feito, principalmente, por meio de vacinação de cães e gatos (na forma de campanha de vacinação) e controle da população de cães errantes, realizados pelas prefeituras municipais. Desta forma, para uma maior abrangência territorial os sistemas de informação geográfica fornecem ferramentas adequadas para as estimativas das diferentes populações caninas e felinas no município, o cálculo de sua densidade e do número de postos de vacinação (GRISI-FILHO et al., 2008). Em decorrência destas campanhas e da vasta propaganda na imprensa escrita e falada, que enfatiza a necessidade de vacinação dos cães e gatos e a possibilidade de ocorrência de zoonoses, é de se esperar que os tutores destes animais atendam ao chamado das prefeituras e participem das campanhas de vacinação. Estas ações os levam a conhecer as necessidades de cuidados sanitários para com os animais, que incluem a vermifugação e a necessidade de visita ao veterinário, que informará sobre as primeiras vacinas para filhotes contra outras viroses e zoonoses, não disponibilizadas pelos órgãos públicos. Esta afirmativa encontra respaldo na execução deste trabalho, já que a vacinação que os tutores se referiam era, na maioria, a anti-rábica.

Ainda considerando a importância da vacinação e observando o percentual dos que não a realizam (16,54%) se verifica que ainda há necessidade de conscientização para os tutores destes animais.

Na tabela 6 se observa o conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos sobre as necessidades psicológicas, comportamentais e sociais dos animais, onde se mostra um percentual maior de acompanhantes que alimentam seu animal mais de uma vez ao dia, muda a água no mínimo uma vez ao dia, e que considera importante os animais expressarem seus sentimentos.

Tabela 6: Avaliação do conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre as necessidades psicológicas, comportamentais e sociais dos animais, 2010

Variáveis	Respostas positivas		Respostas Negativas	
	n/N	%	n/N	%
	Alimenta os animais mais de 1 vez ao dia	241/272	88,60	31/272
Muda a água no mínimo 1 vez ao dia	264/272	97,06	8/272	2,94
Considera importante a expressão dos sentimentos	270/272	99,26	2/272	0,74

A tabela 7 e figura 7, referem-se à avaliação do conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos, sobre bem-estar animal e observa-se um percentual maior de acompanhantes que sabem o que é bem-estar animal, que não sabem o que é um ser sensiente, que sabem que os animais sentem dor, que não sabem o que são cirurgias mutilantes e, que conhecem a finalidade de um animal de companhia.

Variáveis	Respostas positivas		Respostas negativas	
	n/N	%	n/N	%
	Sabe o que é bem estar animal?	151/272	55,51	121/272
Sabe o que é um ser senciente?	38/272	13,97	234/272	86,03
Sabe que os animais sentem dor?	265/272	97,43	7/272	2,57
Sabe o que são cirurgias mutilantes?	130/272	47,79	141/272	51,84
Conhece a finalidade de um animal de companhia?	194/272	71,32	78/272	28,68

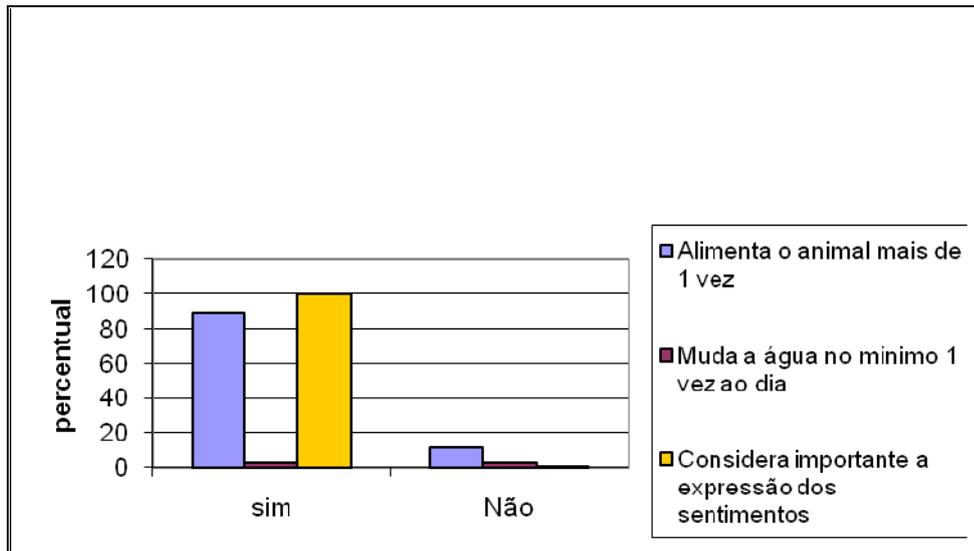


Figura 7 -Conhecimento dos acompanhantes sobre a necessidade psicológica, comportamental e social dos cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, 2010.

Observando-se a diferença no percentual (11,02% e 4,05% respectivamente) sobre o conhecimento de bem-estar animal e cirurgias mutilantes é possível sugerir que os tutores (10/272) que citam ter conhecimento sobre o bem-estar desconhecem as mutilações cirúrgicas. Segundo Paixão (2008), a pouca informação sobre bem estar animal e principalmente a falta de conhecimento, sobre a compreensão que os tutores desses animais têm a esse respeito, dificultam sobremaneira a proposição de iniciativas que minimizem a falta de bem estar ou o bem-estar reduzido vivenciado por um número elevado de animais durante toda a vida. Nesse contexto, é fundamental que se valorize cada vez mais o conceito de senciência animal e conseqüentemente o bem estar animal.

Em relação ao resultado sobre o conhecimento de um ser senciante e que os animais sentem dor é notória a diferença nas respostas dos tutores, já que 72,06% desconhecem o ser senciante mas admitem que sabem da dor dos animais (94,86), o que faz supor que talvez seja o termo o desconhecido, já que ele é pouco explorado o contexto animal.

Alves (2008), afirma que dor, senciência e bem estar animal, estão intrinsecamente ligados, pois não existe bem estar onde existe dor. Aliviar a dor e o sofrimento dos animais parece, diante de algumas pessoas, futilidade, considerando que há no mundo milhões de pessoas que sofrem, tem doenças incuráveis, passam fome, convivem com as guerras. Porém a dor

presente na maioria das doenças é acompanhada do sofrimento levando a graves alterações deletérias. Devemos considerar que ao utilizar animais, a sociedade deve eliminar o máximo possível a dor e o sofrimento, elevando a condição legal e moral dos animais. Porém, a imposição da sociedade e o cumprimento de leis de proteção dos animais têm feito com que sejam adotadas medidas de controle da dor.

Por outro lado, pode-se citar Graminhanni (2007), quando relata que os maus tratos nem sempre estão ligados à má índole ou à indiferença, pois podem ter origem na falta de conhecimento sobre as necessidades e o comportamento da espécie, assim como na projeção antropomórfica das necessidades do guardião, com excesso de apego e zelo, que são igualmente cruéis e traumáticas, comprometendo a guarda responsável.

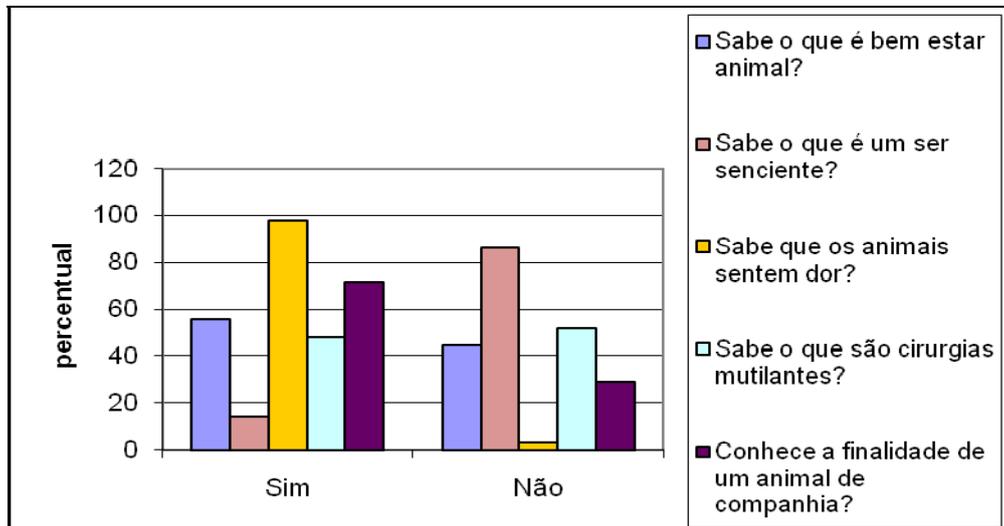


Figura 8- Avaliação do conhecimento dos acompanhantes de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, 2010.

É interessante salientar que quando se analisa em conjunto a entrevista dos tutores e considerando apenas o maior percentual obtido em cada categoria, podem-se agrupar os resultados nos seguintes perfis:

- A ida a este hospital veterinário dos cães e gatos é realizada pelo tutor, principalmente do sexo feminino, com idade entre 26 e 51 anos, casadas, residentes em casa em Recife e com escolaridade classificada como ensino médio.
- A maioria dos animais é da espécie canina, com idade variando entre 19 e 95 meses, machos e sem raça definida. Os tutores os levam ao veterinário pelo menos 1 vez ao

ano, vacinam, vermifugam, alimentam e mudam a água uma vez ao dia, oferecem espaço para os animais exercitarem-se, limpam o ambiente e consideram importante a expressão dos sentimentos.

- Considerando o bem-estar animal, os tutores conhecem o sentido do termo e a finalidade de um animal de companhia, sabem que sentem dor, mas desconhecem as cirurgias mutilantes.

3.4 Conclusão

O conhecimento conceitual sobre bem estar animal dos tutores que procuram o Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE é precário, mas as condutas de manejo sanitário adotados por eles refletem atitudes satisfatórias e de acordo com a recomendação sobre bem-estar animal.

3.5 Referências

- ALVES, N. D. Dor, Senciência e bem-estar em animais. Pequenos Animais. **Revista Ciência Veterinária dos Trópicos**, Recife, v.11, suplemento 1, p.22-25 abril, 2008.
- BEAVER, B. V. **Comportamento felino: um guia para veterinários**. São Paulo: Roca, 2005, 368p.
- BRADSHAW, J.W.S.; NOTT, H.M.R. **Social and communication behaviour of companion dogs**. In: SERPELL, J.A. (Ed.). *The domestic dog: The biology of its behaviour*, Cambridge, Cambridge University Press, 1992.
- GRAMINHANNI, M. G. O Bem-estar dos cães domiciliados em apartamento. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, ano 2, n.2, Jan/Jun, 2007.
- GRISI-FILHO, J. H. H. F.; AMAKU, M.; DIAS, R. A.; NETTO, H. M.; PARANHOS. N. T.; MENDES, M. C. N. C.; NETO, J. S. F.; FERREIRA, F. Uso de sistema de informação geográfica em campanhas de vacinação contra a raiva. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v.42(6), p.1005-11, 2008.
- HELGREN, J.A. **Communicating with your cat**. Barron's Educational Series, Inc. 1999. 163p.

KATCHER, A. H. e BECK, A. M. **New perspective on our lives with companion animals.** In: _____, *New perspective on our lives with companion animals*, University of Pennsylvania Press: Philadelphia, 1983.

MOURA, R. T. D. Perfil comportamental do gato doméstico (*Felis silvestris catus*, Linnaeus, 1758) sem raça definida criado em abrigo: Estudo da relação do temperamento com a cor da pelagem. **Tese** (Doutorado em Ciência Veterinária). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2007. 163p.

PAIXÃO, R. L. Métodos substitutivos ao uso de animais vivos no ensino. Repensando o que aprendemos com os animais no ensino. **Revista Ciência Veterinária dos Trópicos**, Recife, v.11, suplemento 1, p. 88-91, abril, 2008.

REICHMANN, M. L. A. B.; FIGUEIREDO, A. C. C.; PINTO, H. B. F.; NUNES, V. F. P. **Controle de populações de animais de estimação.** Manual técnico do Instituto Pasteur, São Paulo, n.6, 2000.

SANTANA, L. R.; OLIVEIRA, T. P. Guarda responsável e dignidade dos animais. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, ano 1, n.1, Jun/Dez, 2006.

SARTORI, J. R. Ensino de bem-estar animal nos cursos de medicina veterinária e zootecnia. **Ciência Veterinária nos Trópicos**, Recife, v. 11, suplemento 1, p. 13-16 - abril, 2008.

SCHOENDORFER, L.N.P. **Interação homem animal de estimação na cidade de São Paulo – O manejo inadequado e as conseqüências em saúde pública.** Dissertação 82f (Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo). 2001.

CAPÍTULO 3

**PERCEPÇÃO SOBRE BEM ESTAR ANIMAL PELOS PROFESSORES,
PESQUISADORES E DISCENTES DO CURSO DE MEDICINA
VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE
PERNAMBUCO**

RECIFE

2010

**4- PERCEPÇÃO SOBRE BEM-ESTAR ANIMAL DOS PROFESSORES,
PESQUISADORES E DISCENTES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**

*(Perception on welfare of teachers, researchers and students from course of veterinary
medicine department of veterinary medicine university federal rural of pernambuco)*

Resumo – O conhecimento dos profissionais e acadêmicos, em medicina veterinária que atuam com ensino e/ou com pesquisas, sobre bem-estar animal é fundamental para uma ampliação na conscientização da importância da preservação dos direitos e ao respeito a vida animal não humana. Objetiva-se no trabalho apresentar um perfil do conhecimento sobre bem-estar animal, realizado através de aplicação de questionários capazes de alcançar percentuais significativos associado a uma avaliação das necessidades de ampliar o conhecimento sobre bem-estar animal dentro das universidades.

Palavras-chave: bem estar animal; direito; respeito.

Abstract - The knowledge of professionals and academics, in veterinary medicine to teaching and/or research on animal welfare is critical to a magnification in awareness of the importance of preserving the rights and respect for animal life human not. Objective in present a profile of knowledge about animal welfare, achieved through application of questionnaires can achieve significant percentage associated with an assessment of needs to extend the knowledge about animal welfare within the universities.

Key words: animal welfare; law; respect.

4.1 Introdução

A Universidade é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo. Tanto é assim que vemos no interior da instituição universitária a presença de opiniões, atitudes e projetos conflitantes que exprimem divisões e contradições da sociedade (CHAUI, 2003).

Diante disso, as mudanças do ensino ganham cada vez mais espaço no mundo e uma nova percepção ética começa a surgir, fazendo com que as universidades reflitam sobre as transformações necessárias. No campo da veterinária, torna-se imprescindível que a comunidade acadêmica tenha condições de formar profissionais preocupados com a manutenção da vida, evitando, dessa forma, a insensibilidade do médico veterinário diante do animal que sofre ou vem a óbito.

No Brasil, a pesquisa na área de bem estar animal (BEA) iniciou-se na década de 1980, nas Universidades do Estado de São Paulo e Federal de Santa Catarina. Desde então, o número de pesquisadores envolvidos na área de BEA vem crescendo.

Em 2005, Molento relata que na avaliação do BEA, tem-se utilizado o conceito das “Cinco Liberdades”, que se originou de propostas iniciais contidas no relatório de Brambell (1965). As “Cinco Liberdades” fornecem um conjunto de princípios, sendo que os ideais utópicos expressos em cada liberdade representam os marcos a serem utilizados para se avaliar quão longe as práticas específicas estão de atingir os padrões do mais alto grau de bem estar. São elas: Todos os animais devem: Ser livres de medo e estresse; Ser livres de fome e sede; Ser livres de desconforto; Ser livres de dor e doenças; Ter liberdade para expressar seu comportamento natural.”

As questões relacionadas ao ensino do BEA e a pesquisa tiveram início na década de 1980, na UNESP de Jaboticabal e na Universidade Federal de Santa Catarina. Desde então, o número de pesquisadores envolvidos na área de BEA vem crescendo no Brasil.

Especificamente em relação ao ensino sobre bem-estar animal nas faculdades de veterinária ou em outras instituições de educação, na maioria dos casos, o ensino deste tema só se desenvolve dentro de outras disciplinas. Em nove países, existem cursos ou disciplinas específicas sobre o tema, são estes: Canadá, Brasil, Haiti, Colômbia, Costa Rica, Honduras, Peru e Argentina. Na França, Canadá, EUA, e Colômbia existem mestrado ou doutorado em bem estar animal. Quanto ao financiamento para pesquisa científica sobre bem estar animal afirma-se que existe na Argentina, Brasil, Canadá, Chile, França e Haiti (GALLO, 2008).

Segundo Goldim (1997), Hipócrates (450 a.C.) já relacionava o aspecto de órgãos humanos doentes com o de animais, com finalidade claramente didática. Feijó (2005) relata que na antiga Grécia, Aristóteles (384-322 a.C.) observou e descreveu mais de 50 espécies animais em suas obras e, embora seja considerado o fundador da anatomia comparada é provável que nunca tenha dissecado um corpo humano. No século XIX surgiu a primeira indagação com relação aos direitos dos animais. O filósofo britânico Jeremy Bentham (1748-1832) levantou o argumento do sofrimento. Para ele a utilização dos animais não deveria ser baseada em questões como a ausência ou presença de habilidades, tais como o raciocínio ou a fala, mas sim, na capacidade de sofrer (PAIXÃO, 2001).

O livro *The principles of humane experimental technique*, publicado por Russell e Burch, em 1959, afirma que a pesquisa com animais deve respeitar o princípio dos três Rs: *Replacement* (substituição); *Reduction* (redução) e *Refinement* (refinamento).

A substituição significava que, em vez de animais superiores, deveria se utilizar formas de vida filogeneticamente mais primitivas ou experimentos simulados, com base em avanços tecnológicos. A redução sugeria que as pesquisas fossem realizadas com o menor número de animais e de procedimentos, que permitisse alcançar os objetivos do trabalho. O refinamento significava para esses autores a capacidade que os pesquisadores deveriam ter para improvisar métodos que reduzissem o sofrimento dos animais, oferecendo-lhes o maior conforto possível. Os três Rs repercutiram tão favoravelmente que foram incorporados de imediato pela *Royal Commission of Ethics* do Reino Unido e adotados pelo governo dos Estados Unidos para a liberação de verbas aos projetos de pesquisa em áreas biomédicas (PETROIANU, 2009).

Nas décadas de 1970 e 1980 vários fatores contribuíram para a criação de mecanismos de controle do uso de animais no âmbito da experimentação animal. Os movimentos sociais, especialmente nos EUA e na Europa, o surgimento da ciência do bem-estar animal e a intensificação do debate moral com o nascimento da bioética, levaram à criação ou revisão de legislações já existentes em diversos países, diretamente relacionadas ao emprego de animais em experimentações científicas, tornando obrigatória a revisão dos protocolos experimentais pelas comissões institucionais. (PAIXÃO, 2007). Vários países constituíram comissões de ética com vistas no uso de animais em pesquisas, tendo sido a Suécia, em 1979, o primeiro país a constituir este tipo de comissão. No entanto, só a partir de 1980 a obrigatoriedade dessas comissões se ampliou no âmbito internacional (PAIXÃO, 2004).

As comissões de ética em experimentação animal surgiram com o intuito de se fazer cumprir princípios e leis que norteiam o uso de animais em experimentação científica, ensino, treinamentos e outros procedimentos de caráter científico, através da avaliação e revisão dos seus protocolos. No Brasil, a década de 1990 é o marco da criação destas comissões, provavelmente fruto das exigências internacionais para publicação de artigos científicos, visto que, não havia nada que regulamentasse a existência das mesmas. Na ausência de uma legislação específica própria para o ensino e a pesquisa, as instituições se regulavam, constituindo suas próprias comissões de ética, que se espelhavam em experiências locais e internacionais e procuravam seguir diretrizes como aquelas preconizadas por instituições como o Colégio Brasileiro de Experimentação Animal (COBEA). De acordo com as leis que regem a prática didático-científica da vivisseção de animais, pela Declaração Universal dos Direitos dos Animais e por princípios internacionais para pesquisa biomédica envolvendo animais (PAIXÃO, 2007).

A Constituição Federal prevê em seu art. 225, *caput*, que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. Neste contexto, prevê o §1º, inciso VII da CF/88 que caberá ao Poder Público o dever de proteger a fauna e a flora, vedadas na forma da lei as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais à crueldade. O art. 32 da Lei 9605/98 estabelece que quem praticar ato de abuso, maus tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos é crime ambiental punido com pena de detenção de três meses a 1 ano, e multa (LEMOS, 2008).

A Lei 9.605/98 estabelece em seus arts. 25, §1º c/c art. 72, inciso IV que na prática de infração ambiental (âmbito administrativo) caberá a apreensão do produto do crime ou dos animais, os quais serão libertados em seu *habitat* ou entregues a jardins Zoológicos, fundações ou entidades assemelhadas, desde que fiquem sob a responsabilidade de técnicos habilitados.

Vale ressaltar que, em 8 de outubro de 2008, foi criada a Lei N – 11.794, que promove em seu Art. 1º a criação e a utilização de animais em atividades de ensino e pesquisa científica, em todo o território nacional, obedece aos critérios estabelecidos nesta Lei. No Art. 4º fica criado o Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal – CONCEA, que entre outros, compete credenciar instituições para criação ou utilização de animais em ensino

e pesquisa científica. Determina ainda, em seu Art.8º que é condição indispensável para o conhecimento das instituições com atividades de ensino ou pesquisa com animais a constituição prévia de Comissões de ética no Uso de Animais – CEUAs.

Atualmente o Decreto Nº 6.899, de 15 de julho de 2009, dispõe sobre a composição do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal – CONCEA, estabelece as normas para o seu funcionamento e de sua Secretaria-Executiva, criando o cadastro das Instituições de Uso Científico de Animais, CIUCA, mediante a regulamentação da Lei nº 11.794, de 8 de outubro de 2008, q

O artigo científico *Aspectos éticos da experimentação animal* escrito por Schnaider e Souza (2003) é concluído com a seguinte afirmativa,

“Docentes, pós-graduandos, residentes e graduandos de uma Faculdade de Medicina, que utilizam animais em seus experimentos têm por obrigação conhecer e praticar os princípios éticos de proteção aos animais adequados à realização de um trabalho científico, em cumprimento à legislação que dita as normas de pesquisa na área da saúde.”

O Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco é reconhecido como um centro acadêmico, de pesquisa e de extensão e formador de recursos humanos tanto para os alunos da Instituição como para demais discentes de diferentes regiões do Brasil, contribuindo também, com a reciclagem de profissionais em diversas áreas, assim como com os cursos de Pós-Graduação. Diante disto, este trabalho teve como objetivo verificar a percepção sobre bem estar animal dos professores, pesquisadores e discentes do curso de medicina veterinária do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal rural de Pernambuco.

4.2 Material e métodos

3.2.1 Área de estudo

Foi realizado estudo descritivo, de natureza qualitativa e quantitativa, sobre a percepção em bem estar animal, dos professores, pesquisadores e discentes do curso de medicina veterinária com atuação, ensino ou pesquisa, no hospital veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, campus Recife.

Para guiar o processo de construção e validação do questionário para identificação desta percepção foram realizadas as seguintes etapas:

Etapa 1 – Planejamento

Nessa fase, foram definidos os objetivos, o tipo de população-alvo, os tipos de itens e o formato do questionário. Essa etapa foi inicialmente sustentada na revisão de literatura realizada a partir de consulta às publicações acerca do tema. Buscou-se localizar instrumentos utilizados para identificação o bem estar animal e a percepção universitária e constatou-se sua inexistência na literatura internacional e nacional.

Etapa 2 - Aplicação do questionário

Os dados foram coletados junto a voluntários, a partir das respostas obtidas por meio do questionário elaborado (anexo 2), que respeitou um roteiro previamente estabelecido, dividido em três seções e um total de 26 perguntas. A primeira seção fazia referência aos dados dos professores, contendo esta, nove questões fechadas e dicotômicas. Na segunda seção, avaliou-se o conhecimento sobre bem-estar animal dos pesquisadores, com oito questões fechadas e dicotômicas. A última seção avaliou o conhecimento sobre bem-estar animal dos discentes, com nove questões fechadas e também dicotômicas.

Etapa 3- Exame subjetivo de conteúdo

Depois de elaborado, o questionário foi avaliado por um grupo de médicos veterinários e estudantes do Programa de Pós-Graduação em Ciência Veterinária da UFRPE. O questionário também foi analisado por professores relacionados à área de estudo para avaliar se os aspectos do bem estar animal estavam contemplados de acordo com o objetivo da pesquisa. Também foi estudado a clareza das terminologias empregadas, a extensão do questionário e o tempo gasto para respondê-lo.

Para assegurar a confiança, credibilidade e compreensão, o questionário foi testado previamente. Também a equipe, que realizou as entrevistas foi treinada e o método de abordagem ao público-alvo, formulação das questões e dos registros das respostas, foi padronizado.

4.2.2 Amostragem

Foram formados três grupos a saber:

GRUPO 1: Professor, definido como sendo o indivíduo que desenvolve atividades de ensino utilizando cães e/ou gatos procedentes do hospital veterinário (DMV-UFRPE) nas aulas práticas entre o 5^o e o 10^o período do curso de graduação em medicina veterinária;

GRUPO 2: Pesquisador, definido como o indivíduo (professor ou médico veterinário) que desenvolve atividades de pesquisa utilizando cães e/ou gatos vivos na experimentação científica.

A fim de não ter repetição nas respostas, o professor que participou do grupo 1 foi excluído do grupo 2, apesar de realizar pesquisa com os animais supracitados, ou seja, cada indivíduo participou somente de um grupo.

GRUPO 3: Aluno, discente do curso de graduação em medicina veterinária, cursando entre o 5^o e o 10^o período letivo.

Quando computado o número de professores e pesquisadores em atividades de ensino ou pesquisa, com cães e/ou gatos, do DMV/UFRPE, optou-se por trabalhar com a totalidade, assegurando, desta forma, a representatividade da amostra. Assim, foram entrevistados 16 professores e sete pesquisadores. Porém, para o universo dos acompanhantes e alunos a seguinte fórmula foi utilizada para assegurar a representatividade, do tipo aleatória simples, recomendada por Thrusfield (2004), onde:

$$n = \frac{z^2 \cdot p \cdot q}{d^2} = \frac{1,96^2 \times 0,7 \times 0,3}{0,06^2} = 126$$

n = número de amostras;

p = parâmetro da proporção (70%);

q = 100- p (30%);

z = fator determinante do grau de confiança de 95%;

d = erro amostral de 6% de p: que correspondendo ao intervalo de 47% a 53%.

3.2.3 Análise de dados

Para análise dos resultados foi criado um banco de dados, dispostos em tabelas construídas com auxílio do MS excell, para o cálculo das frequências absolutas e relativas de cada variável associada ao estudo descritivo.

4.3 Resultados e Discussão

A sistemática para apresentação dos resultados obtidos consta de três etapas. Na primeira, descreve-se a percepção sobre BEA dos pesquisadores que atuam no Departamento de Medicina Veterinária, realizando experimentação com cães e gatos. Na segunda, apresentam-se os resultados referentes aos professores do curso de graduação em medicina veterinária (do 5^o ao 10^o período), que utilizam animais vivos para fins didáticos durante as aulas práticas. Por fim, aprecia-se o entendimento dos discentes de graduação em medicina veterinária sobre BEA, também no universo do 5^o ao 10^o período.

Na tabela 1 e figura 1 verifica-se o perfil do conhecimento dos pesquisadores do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sobre bem estar animal.

Tabela 1: Avaliação do conhecimento dos pesquisadores do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre bem estar animal, 2010

Variáveis	Respostas positivas		Respostas negativas	
	n/N	%	n/N	%
	Sabe o que é bem-estar animal?	07/07	100,00	0/07
Sabe o que é um ser senciente?	06/07	85,71	01/07	14,29
Conhece a declaração universal dos direitos dos animais?	05/07	71,42	02/07	28,57
Conhece a comissão de ética no uso de animais?	06/07	85,71	01/07	14,29
Conhece a teoria das cinco liberdades?	04/07	57,14	03/07	42,86
Conhece a teoria dos 3 Rs?	02/07	28,57	05/07	71,42
Conhece métodos alternativos para substituir animais em aulas praticas e/ou em pesquisas?	06/07	85,71	01/07	14,29

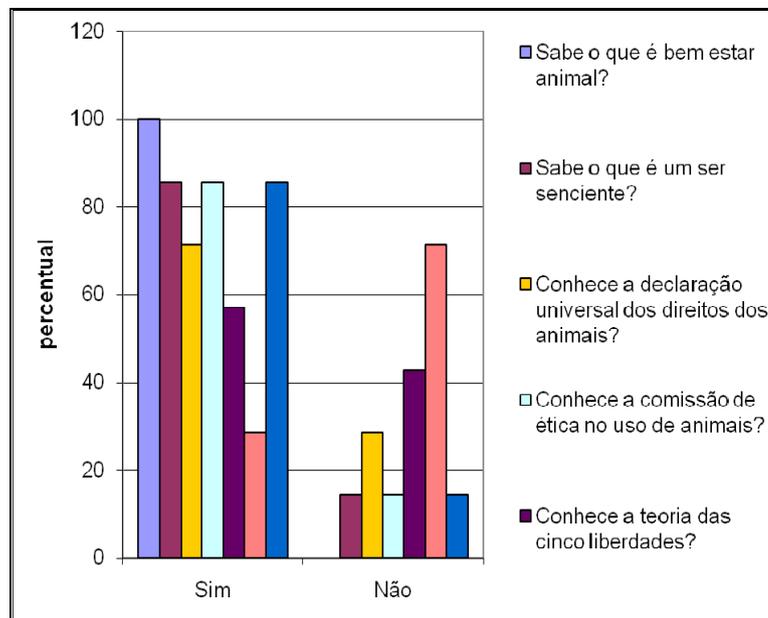


Figura 9- Conhecimento dos pesquisadores do Departamento de Medicina Veterinária sobre bem-estar animal que desenvolvem experimentação animal com cães e/ou gatos.

Avaliando os resultados acima apresentados vale ressaltar que apesar dos pesquisadores conhecerem o bem-estar animal, saber do ser senciente, da declaração dos direitos dos animais e desenvolverem trabalhos experimentais com cães e gatos, as informações sobre as condutas experimentais que deveriam ser adotadas no planejamento e execução dessas pesquisas não ficaram evidenciadas. Por exemplo, o desconhecimento da teoria dos 3Rs e as cinco liberdades, apesar de informarem de conhecer os métodos alternativos. Desta forma fica o questionamento sobre as metodologias empregadas por esse grupo de pesquisadores, uma vez que a redução, o refinamento e a substituição podem não ser o princípio básico para o planejamento de um projeto de pesquisa, apesar da publicação por Russel e Burch, em 1959, do livro *The principles of humane experimental technique* que afirma que a pesquisa com animais deve respeitar o princípio dos três Rs: Substituição; Redução e Refinamento.

Quando analisamos o item referente as cinco liberdades, torna-se imprescindível uma reflexão sobre este ponto já que aproximadamente metade da população consultada desconhece que os animais devem ser livres de medo e estresse; livres de fome e sede; livres de desconforto; livres de dor e doenças e ter liberdade para expressar seu comportamento natural. Como desenvolver pesquisas com cães e gatos sem conhecimento do bem-estar animal? É bem verdade, que o princípio humanístico do não impor sofrimento, seja de que natureza for, é observado nos médicos veterinários, porém, como estes fazem parte da comunidade acadêmica e segundo Chauí (2003), no interior da instituição universitária a presença de opiniões, atitudes e projetos conflitantes são capazes de exprimir divisões e contradições da sociedade, já que a Universidade é considerada como um centro de pesquisa e formação de profissionais.

A tabela 2, demonstra um perfil sobre o conhecimento dos professores do curso de Medicina Veterinária que utilizam durante as aulas práticas realizadas no hospital veterinário, cães e/ou gatos, com relação ao bem-estar animal. Os resultados também podem ser melhores visualizados na figura 2.

Tabela 2: Avaliação do conhecimento dos professores do curso de medicina veterinária do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre bem-estar animal, 2010

Variáveis	Respostas positivas		Respostas negativas	
	n/N	%	n/N	%
	Sabe o que é bem estar animal?	15/16	93,75	01/16
Sabe o que é um ser senciente?	09/16	56,25	07/16	43,75
Conhece a declaração universal dos direitos dos animais?	14/16	87,50	02/16	12,50
Conhece a comissão de ética no uso de animais?	16/16	100,00	00/16	0,00
Conhece a teoria das cinco liberdades?	05/16	31,25	11/16	68,75
Conhece a teoria dos 3 Rs?	09/16	56,25	07/16	43,75
Conhece métodos alternativos para substituir animais em aulas praticas e/ou em pesquisas?	14/16	87,50	02/16	12,50
Conhece o direito de escusa de consciência?	04/16	25,00	12/16	75,00

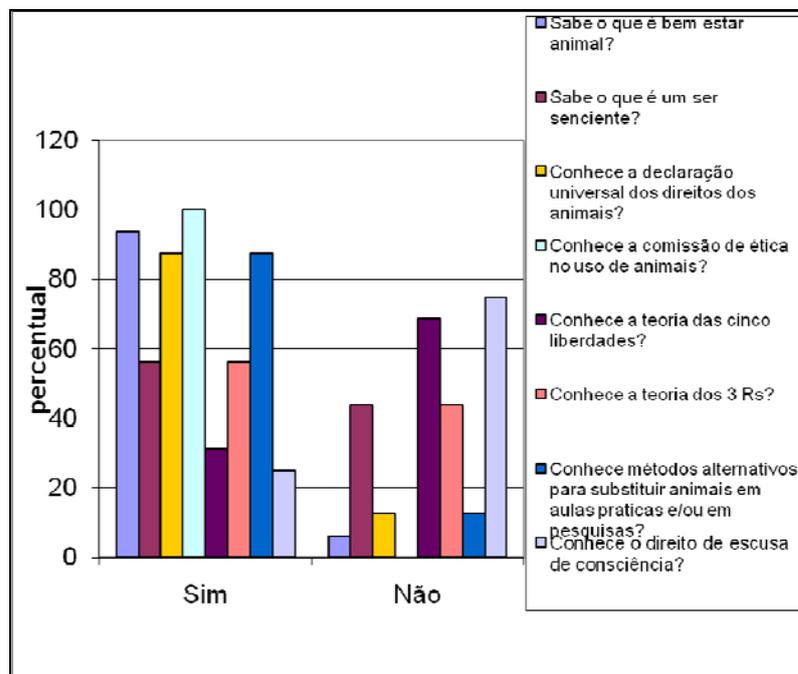


Figura 10 - Avaliação do conhecimento dos professores sobre bem-estar animal e utilizam cães e/ou gatos nas aulas práticas no hospital veterinário (DMV-UFRPE) do curso de Medicina Veterinária da UFRPE

Com base nos resultados obtidos e considerando que este grupo foi formado por professores que utilizam cães e gatos nas aulas práticas no âmbito hospitalar é importante salientar que apesar de conhecerem sobre bem-estar animal, declaração universal dos direitos dos animais e métodos alternativos de ensino, ainda há carência de conhecimento sobre ser senciente e teoria dos 3Rs. Mas chama a atenção o resultado final; todos os professores consultados conhecem a comissão de ética no uso de animais; esse achado pode ter respaldo na obrigatoriedade de tramitação dos projetos de pesquisa pela comissão de ética, primeiro criada no Departamento de Medicina Veterinária e em oito de outubro de 2008, efetivada pela lei nº 11.794, que promove em seu Art. 1º a criação e a utilização de animais em atividades de ensino e pesquisa científica, em todo o território nacional, no Art. 4º fica criado o Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal – CONCEA e ainda, em seu Art.8º que é condição indispensável para o conhecimento das instituições com atividades de ensino ou pesquisa com animais a constituição prévia de Comissões de ética no Uso de Animais – CEUAs.

A tabela 3 refere-se ao perfil do conhecimento dos discentes de graduação do Curso de Medicina Veterinária do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sobre bem-estar animal. Na figura 3, observam-se os resultados expressos em colunas.

Tabela 3: Avaliação do conhecimento dos discentes de graduação do curso de medicina veterinária do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre bem-estar animal, 2010

Variáveis	Respostas positivas		Respostas negativas	
	n/N	%	n/N	%
	Sabe o que é bem-estar animal?	137/140	97,86	03/140
Sabe o que é um ser senciente?	85/140	60,71	55/140	39,29
Conhece a declaração universal dos direitos dos animais?	78/140	55,71	61/140	43,57
Conhece a comissão de ética no uso de animais?	49/140	35,00	92/140	65,71
Conhece a teoria das cinco liberdades?	63/140	45,00	78/140	55,71
Conhece a teoria dos 3 Rs?	40/140	28,57	101/140	72,14
Conhece métodos alternativos para substituir animais em aulas praticas e/ou em pesquisas?	95/140	67,86	46/140	32,86
Conhece o direito de escusa de consciência?	19/140	13,57	122/140	87,14

Observando os dados acima pode-se afirmar que os alunos sabem o que é bem-estar animal, como também o que é um ser senciente e conhecem os métodos alternativos de ensino. Tal posição pode ser explicada pelos diferentes eventos que ocorrem sobre o tema e a participação dos discentes, tendo em vista que o bem-estar tem sido abordado em simpósios, jornadas e congresso tanto na área como afins; já os métodos alternativos tem sido utilizados por alguns professores do Curso de veterinária para a substituição de animais vivos, principalmente na aulas de técnica cirúrgica (oferecida no 6^o período) onde balões de borracha, garrotes, fios mimetizam as aulas de síntese, hemostasia e diérese, como os alunos entrevistados foram selecionados do 5^o ao 10^o período e a disciplina é ministrada no 6^o pode-se associar esse conhecimento dos métodos alternativos com a metodologia adotada pelos professores responsáveis.

Quando analisado as demais perguntas, verifica-se uma divisão da população estudada com relação ao conhecimento do termo "senciente", a declaração universal dos direitos dos animais e as 5 liberdades. No que diz respeito a teoria dos 3Rs, a comissão de ética e ao direito de escusa a maioria dos alunos desconhecem. Diante destes resultados é importante salientar que o bem-estar deve ser definido de forma que permita pronta relação com outros conceitos, tais como: necessidades, liberdades, felicidade, adaptação, controle, capacidade de previsão, sentimentos, sofrimento, dor, ansiedade, medo, tédio, estresse e saúde. (BROON e MOLENTO, 2004) e que há a necessidade de se agregar o conjunto de informações sobre bem-estar para que o mesmo não fique apenas no conceito em si, mas que seja a orientação para o caminho a se percorrido, indicado pelas 5 liberdades e os 3Rs.

Quanto ao direito de escusa de consciência ressalta-se que nenhum aluno deve ser forçado a realizar experimentação animal, principalmente quando essa prática ofende suas convicções filosóficas ou morais. A opção de aderir, ou não, à metodologia didático-científica tradicional, deve ser interpretada não como uma liberalidade docente, mas como um legítimo direito do estudante, a quem se deve facultar contraprestação compatível ao tema proposto (realização de trabalho escolar e/ou desenvolvimento de estudo paralelo de natureza alternativa), e ainda, ocorre que em nosso país inexistente lei que obrigue o estudante a perfazer experimentação animal. E, como se sabe, o consagrado princípio da legalidade, insculpido no artigo 5º, inciso II, da CF, informa que: "Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei". Ora, inexistente no Brasil lei que obrigue o aluno a perfazer experimentação animal. Ainda que o artigo 207 da Carta Magna assegure às universidades autonomia didático-científica, há que se dizer que essa autonomia possui

limites e que o direito à objeção de consciência nas atividades de experimentação animal, longe de se constituir mera liberalidade da Instituição de Ensino adepta da metodologia tradicional, é um direito líquido e certo do aluno, a quem se permitirá uma contraprestação didática – trabalho alternativo ou atividade similar – compatível com a postura antivivisseccionista (LENAI, 2010).

Finalizando é bom lembrar que semelhante à desobediência civil, direito de garantia contido no mandamento do artigo 5º, inciso II, da CF, a objeção de consciência à experimentação animal é uma forma particular de resistência pacífica invocada pelo estudante que, pretendendo resguardar suas convicções filosóficas, recusa-se a participar de aulas práticas e/ou experimentos que acredita impor sofrimento aos animais; desta forma esse direito deve ser conhecido pelos alunos e reconhecido pelos professores demonstrando tanto o aluno como o professor, uma postura ética ampla que alcança, também, um sentido político.

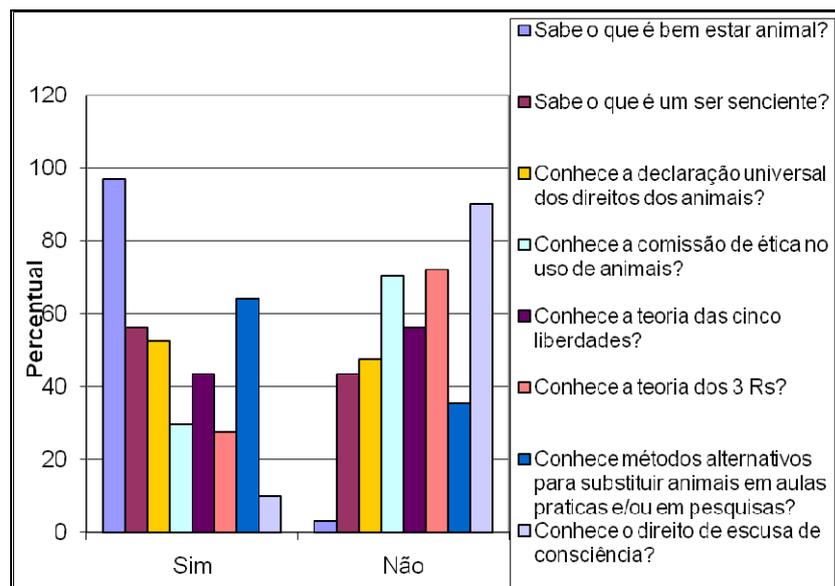


Figura 11- Avaliação do conhecimento dos discentes de graduação do curso de medicina veterinária do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, sobre bem-estar animal, 2010.

4.4. Conclusão

As bases conceituais do bem-estar animal são bem conhecidas pelos pesquisadores, professores e alunos, mas há necessidade de discutir as suas principais aplicações, a fim de

aprimorar o ensino do bem-estar nas atividades de pesquisa, ensino e extensão, de forma a garantir o seu crescimento na área acadêmica, permitindo uma adequação dos seus egressos ao mercado de trabalho atual e contribuindo para um avanço na ética da relação ser humano-animal.

4.5 Referência

- BROOM, D. M.; MOLENTO, C. F. M. Bem estar animal: Conceitos e Questões Relacionadas – Revisão. **Archives of Veterinary Science**. Curitiba, v.9, n.2, p.1-11, 2004.
- CHAUI, M. A Universidade Pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, n.24, Rio de Janeiro, Set./Dez. 2003.
- GALLO, C. Ensino de bem estar animal nos cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia. **Revista Ciência Veterinária dos Trópicos**, Recife, v.11, suplemento 1, p. 1-5, abril, 2008.
- LEMOS, K. C. Análise da legislação aplicável na proteção do bem estar animal. **Revista Ciência Veterinária dos Trópicos**, Recife, v.11, suplemento 1, p. 80-83, abril, 2008.
- LENAI, L. F. O direito à escusa de consciência na experimentação animal – Parte 2. <http://www.anda.jor.br/?p=38669>, acessado em 19.02.2010.
- MOLENTO, C. F. M. Bem Estar e Produção Animal: Aspectos Econômicos Revisão. **Archives of Veterinary Science**, v.10, n.1, p.1-11, 2005.
- MUNDEL, R. L. Ética no uso de animais de laboratório. **Curso de Capacitação Técnica em Manejo de Animais de Laboratório**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003.187p.
- PAIXÃO, R. L. Experimentação animal: razões e emoções para uma ética. **Tese** (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001.151p.
- PAIXÃO, R. L. Ética Animal. As Comissões de Ética no uso de animais. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, Brasília, Ano 10, n. 32, - maio a agosto/ 2004.

PAIXÃO, R. L. A regulamentação da experimentação: uma breve revisão. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, Brasília, Ano XIII, n.40, p.59-66, Jan/Fev/Mar/Abril. 2007.

PETROIANU, A. **Aspectos éticos na pesquisa em animais**. Disponível em: < <http://www.medicina.ufmg.br/cememor/arquivos/aspectosEticosAnimais.pdf> >. Acessado em: jul. 2009.

5. ANEXOS

5.1 Questionário para acompanhantes

Data: ___/___/2009 Entrevistador: _____

IDENTIFICAÇÃO DOS ACOMPANHANTES DE CÃES E/OU GATOS

1. Sexo: F () M ()
2. Acompanhante () Tutor(a) ()
3. Idade: de 18 a 25 anos () de 26 a 50 anos () acima de 50 anos ()
- 4 Estado civil: Solteiro () Casado () Viúvo () () Outros
5. Município onde reside: _____
6. Moradia: Casa () Apartamento () Outros ()
7. Escolaridade:
 - Analfabeto ()
 - Ensino Fundamental I completo () Incompleto ()
 - Ensino Fundamental II completo () Incompleto ()
 - Ensino Médio completo () Incompleto ()
 - Ensino Superior completo () Incompleto ()
 - Pós-Graduação ()
8. Usuário do HV/UFRPE:
 - () 1ª vez () menos de 1 ano () mais de 1 ano

IDENTIFICAÇÃO DO ANIMAL

9. Cão () Gato ()
10. SEXO: macho () fêmea ()
11. IDADE: _____

12. . RAÇA: _____

AVALIAÇÃO DA NECESSIDADES FÍSICAS

13. Você leva seu animal ao Médico Veterinário regularmente (uma vez ao ano) ?

Sim () Não ()

14. Você vacina seu animal todo ano ?

Sim () Não ()

15. Você vermífuga seu animal ?

Sim () Não ()

AVALIAÇÃO DAS NECESSIDADE PSICOLÓGICAS, COMPORTAMENTAIS E SOCIAIS

16. Você acha que seu animal deve ser alimentado mais de uma vez ao dia ?

Sim () Não ()

17. Você muda a água do seu animal ao dia ?

Sim () Não ()

18. Você acha importante seu animal ter liberdade para expressar o que sente ?

Sim () Não ()

19. Seu animal apresenta alguma mania?

Sim () Não ()

20. Seu animal demonstra ter medo de algo?

Sim () Não ()

NECESSIDADES AMBIENTAIS

21. Seu animal tem espaço para exercitar-se?

Sim () Não ()

22. O ambiente onde seu animal vive é limpo diariamente?

Sim () Não ()

CONHECIMENTO SOBRE BEM ESTAR ANIMAL

23. Sabe o que é Bem Estar Animal ?

Sim () Não ()

24. Gostaria de ser informado sobre Bem Estar Animal ?

Sim () Não ()

25. Sabe que os animais sentem dor ?

Sim () Não ()

26. Sabe o que é Guarda Responsável ?

Sim () Não ()

27. Sabe o que são cirurgias mutilantes ?

Sim () Não ()

28. Sabe que corte de cauda e corte de orelha são cirurgias mutilantes ?

Sim () Não ().

29. Sabe que os cães e gatos podem transmitir doenças ao ser humano ?

Sim () Não ()

30. Conhece a finalidade de um animal de companhia ?

Sim () Não ()

31. Sabe que existem cães como animais de trabalho ?

Sim () Não ()

32. . Sabe o que é um ser sensiente?

Sim () Não ()

5.2 Questionário para professores

Data: ___/___/2009 Entrevistador: _____

CONHECIMENTO SOBRE BEM ESTAR ANIMAL

1. Sabe o que é um ser sensiente?

Sim () Não ()

2. Sabe o que é Bem Estar Animal ?

Sim () Não ()

3. . Conhece a declaração universal dos direitos dos animais?

Sim () Não ()

4. Conhece a Comissão Ética no Uso de Animais (CEUAS) ?

Sim () Não ()

5. Conhece a teoria das cinco liberdades?

Sim () Não ()

6. Conhece a Teoria dos 3 Rs ?

Sim () Não ()

7. Conhece métodos alternativos para substituir animais em aulas práticas e ou em pesquisas ?

Sim () Não ()

8. Conhece o direito de Escusa de consciência?

Sim () Não ()

9. Gostaria de ser informado sobre Bem Estar Animal ?

Sim () Não () Email: _____

5.3 Questionário para pesquisadores

Data: ___/___/2009 Entrevistador: _____

CONHECIMENTO SOBRE BEM-ESTAR ANIMAL

1. Sabe o que é um ser sensiente?

Sim () Não ()

2. Sabe o que é Bem Estar Animal ?

Sim () Não ()

3. . Conhece a declaração universal dos direitos dos animais?

Sim () Não ()

4. Conhece a Comissão Ética no Uso de Animais (CEUAS) ?

Sim () Não ()

5. Conhece a teoria das cinco liberdades?

Sim () Não ()

6. Conhece a Teoria dos 3 Rs ?

Sim () Não ()

7. Conhece métodos alternativos para substituir animais em aulas práticas e ou em pesquisas ?

Sim () Não ()

8. Gostaria de ser informado sobre Bem Estar Animal ?

Sim () Não () Email: _____

5.4 Questionário para alunos

Data: ___/___/2009 Entrevistador: _____

1. Sabe o que é um ser sensiente?

Sim () Não ()

2. Sabe o que é Bem Estar Animal ?

Sim () Não ()

3. . Conhece a declaração universal dos direitos dos animais?

Sim () Não ()

4. Conhece a Comissão Ética no Uso de Animais (CEUAS) ?

Sim () Não ()

5. Conhece a teoria das cinco liberdades?

Sim () Não ()

6. Conhece a Teoria dos 3 Rs ?

Sim () Não ()

7. Conhece métodos alternativos para substituir animais em aulas práticas e ou em pesquisas ?

Sim () Não ()

8. Conhece o direito de Escusa de consciência?

Sim () Não ()

9. Gostaria de ser informado sobre Bem Estar Animal ?

Sim () Não () Email: _____